

BIBLIOTECA

MILITAR CRISTÃO

MANUAL COMPLEMENTAR DE APOIO

P A R T E 1

UMA VIDA DE CARÁTER

1ª Edição
2014

BIBLIOTECA

MILITAR CRISTÃO

MANUAL COMPLEMENTAR DE APOIO

P A R T E 1

UMA VIDA DE CARÁTER

Por

J. R. Miller

Tradução

Cleber Olympio

1ª Edição

2014



PORTARIA Nº 61, DE 3 DE MAIO DE 2014.

Aprova a inclusão do Manual Complementar de Apoio C-8, 1ª Edição, 2014, como integrante da Biblioteca Militar Cristão.

O administrador do sítio “Militar Cristão”:

Em cumprimento ao disposto no inciso III do art. 3º da Norma Geral Administrativa nº 9, de 2013, faça saber aos interessados o seguinte:

Art. 1º. Aprova-se, com esta portaria, a inclusão do Manual Complementar de Apoio **C-8**, intitulado “**Uma vida de caráter**”, **1ª Edição (2014)**, como integrante da Biblioteca Militar Cristão, disponibilizando-se o mesmo, a partir da presente data, na subseção “Download – Documentos” para franquear seu acesso aos usuários do sítio.

Art. 2º. Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 3 de maio de 2014.

CLEBER OLYMPIO

Administrador - Sítio Militar Cristão

(Publicado em 03/05/2014 no hipertexto <<http://www.militarcristao.com.br/redirect.php?id=800>>).

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

1ª Parte – Manual C-8

	Pág.
APRESENTAÇÃO	IV
CAPÍTULO 1 – A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER	1-1
CAPÍTULO 2 – UMA CONSTRUÇÃO INACABADA DA VIDA	2-1
CAPÍTULO 3 – A ELABORAÇÃO DO CARÁTER	3-1
CAPÍTULO 4 – A INFLUÊNCIA DO COMPANHEIRISMO	4-1
CAPÍTULO 5 – OBTENDO AJUDA DIANTE DE CRÍTICAS	5-1
CAPÍTULO 6 – NOSSAS FALHAS OCULTAS	6-1
CAPÍTULO 7 – O QUE É CONSAGRAÇÃO?	7-1
CAPÍTULO 8 – FAZER DA VIDA UMA CANÇÃO	8-1
CAPÍTULO 9 – A BELEZA DO SENHOR	9-1
CAPÍTULO 10 – OBTENDO O TOQUE DE CRISTO	10-1
CAPÍTULO 11 – A BÊNÇÃO DA FRAQUEZA	11-1
CAPÍTULO 12 – A FORÇA DA TRANQUILIDADE	12-1
CAPÍTULO 13 – A BÊNÇÃO DA PACIÊNCIA	13-1

**Este é um
MANUAL “CHARLIE”
Destinado ao fornecimento de suporte complementar aos Manuais
“Alfa”, direta ou indiretamente ligado à proposta neles contida.**

APRESENTAÇÃO

Nos dizeres do Sr. Coronel Pedro Schirmer, autor do indispensável “Das virtudes militares”, “caráter é vigor espiritual para não se deixar abater por contrariedades e reveses; é integridade moral, respeitabilidade, austeridade de conduta, autoconfiança, constância, tenacidade, magnanimidade, coragem moral, dedicação, prudência, circunspeção e perseverança – qualidades que plasmam a alma do verdadeiro soldado” (2007:21)

Como se demonstra, o desenvolvimento do caráter afeta todos os aspectos da vida do militar, incluindo sua espiritualidade. Características assim são desenvolvidas ao longo da vida, pois ninguém nasce moralmente íntegro, autoconfiante, prudente, ou mesmo perseverante, a menos que se esforce para tanto. E esforço combina com instrução e prática.

Por essas razões, o **Militar Cristão** traz, de modo inédito e exclusivo em língua portuguesa, uma importante obra divulgada até hoje nos Estados Unidos, fruto do trabalho de J. R. Miller, pastor e teólogo, atuante no meio militar de um país marcado pela Guerra de Secessão. De linguagem simples e prazerosa, esta obra se preocupa com o desenvolvimento de algo tão básico ao homem, mas que frequentemente é esquecido numa sociedade perenemente preguiçosa, preconceituosa e individualista.

No processo de tradução, procuramos ser fiéis ao texto original. Até onde pudemos apurar, esta é uma coletânea de sermões de J. R. Miller, elaborados em diversas épocas, cinco dos quais foram obtidos do livro “A construção do caráter” (*The building of character*, sem título em português), que são os capítulos 1, 5, 6 e 11 deste Manual C-8, e o capítulo 17 do Manual C-9. A obra “Uma vida de caráter”, no entanto, não oferece o texto integral desses cinco sermões, entremeados, conforme a edição de 1894 por Thomas Y. Crowell, por diversas poesias, aqui também omitidas.

As referências da Bíblia em português são conforme a versão Revista e Corrigida Fiel, editada pela Sociedade Bíblica do Brasil, salvo se mencionada outra fonte. Itens acrescentados para dar melhor fluidez e organização ao texto. Notas acrescidas pelo tradutor original e pelo editor desta publicação.

O Editor

A Life of Character
(Uma vida de caráter)

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER

1-1. GENERALIDADES

A construção do caráter é o assunto mais importante da vida. Pouco importa quais obras um homem possa deixar no mundo: seu verdadeiro sucesso é medido pelo que ele tem feito ao longo dos anos em seu próprio ser.

O verdadeiro caráter deve ser construído perante os padrões divinos. A vida de cada homem é um plano de Deus: há um propósito divino a respeito dela que devemos compreender. Nas Escrituras, encontramos os padrões para os aspectos do caráter, não só pela sua grandeza e elementos proeminentes, mas também por suas características mais detalhadas – as linhas delicadas e os matizes de sua ornamentação. Os mandamentos, as bem-aventuranças, todos os preceitos de Cristo, os ensinamentos éticos dos apóstolos: tudo nos mostra o padrão a partir do qual moldaremos nosso caráter.

É algo grande para nós ter um pensamento sublime sobre a vida, e sempre procurar alcançá-lo. Disse Michelangelo¹: “Nada faz a alma tão pura, tão religiosa, como o esforço para criar algo perfeito, porque Deus é a perfeição, e quem se esforça para isso, esforça-se por algo que é divino.” A busca por si mesma torna-nos mais nobres, mais santos, mais puros, mais fortes. Nós crescemos sempre em direção para a qual ansiamos. Algumas buscas, entretanto, não são recompensadas: homens procuram por ouro e não o encontram; eles tentam alcançar a felicidade, mas a visão sempre recua à medida que rumam em direção a ela. A busca da

¹ Referência a Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564), pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano renascentista (N. do T.).

verdadeira nobreza é aquele que é recompensada. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos", é a palavra de nosso Senhor. O desejo para o bem espiritual nunca será em vão, e o desejo incessante, com a seriedade sucedendo o que é bom, ergue a vida na realização permanente de que é assim procurado com persistência.

1-2. PRINCÍPIOS ESSENCIAIS

Há certas coisas essenciais em toda a construção. Toda estrutura requer uma boa base. Sem ela, não pode nunca subir para a verdadeira força e grandeza. O mais belo edifício criado na areia é inseguro e deve cair. Há apenas uma fundação para o caráter cristão: devemos construir sobre a rocha, ou seja, devemos ter, como base de nosso caráter, princípios grandes e eternos.

Um desses princípios é *a verdade*. Ruskin² nos diz que, em uma famosa catedral italiana, há uma série de figuras colossais erguidas entre as vigas mais pesadas, que suportam o telhado. Da calçada, estas estátuas têm a aparência de grande beleza. Curioso para examiná-las, Ruskin diz que ele subiu um dia no telhado, e ficou perto, ao lado delas. Amarga foi sua decepção ao descobrir que apenas as partes das figuras que puderam ser vistas a partir do pavimento foram cuidadosamente acabadas: o lado oculto era áspero e inacabado.

Não é suficiente tornar nossa vida autêntica somente à medida que os homens possam vê-la. Nada temos além de desprezo por homens que professam a verdade, e, ao mesmo tempo, em sua vida secreta, vivem a falsidade, a decepção, a falta de sinceridade. Deve haver a verdade por completo, em construção realmente nobre e digna. Uma pequena falha, feita por uma bolha de ar no conjunto, tem sido a causa de rachadura anos depois, e a queda da imensa ponte cujo peso repousava sobre ele. A verdade deve estar no caráter: verdade absoluta. A menor falsidade estraga a beleza da vida.

Outro desses princípios fundamentais é *a pureza*. "Tudo o que é puro", diz o apóstolo, no mesmo fôlego, com tudo o que é verdadeiro, justo e honrado. É um princípio das Escrituras que o homem que vive mal nunca poderá construir um caráter muito belo. Só quem tem um coração puro pode ver Deus, para saber o que é a vida ideal. Só aquele cujas mãos estão limpas pode edificar diante do padrão perfeito.

Amor é outra qualidade que deve ser empregada nesta fundação. O amor é o contrário do egoísmo. É a realização de toda a vida como alguém de Cristo a ser usado para abençoar os outros. "Enquanto eu estive aqui", disse o presidente Lincoln, depois de sua segunda eleição, "eu não

² Referência a John Ruskin (1819-1900), escritor, crítico de arte e crítico social britânico. (N. do T.).

tive vontade de enfiar uma farpa no peito de qualquer homem.” Esse é um lado do amor: nunca desnecessariamente fazer sentir dor ou se machucar por um companheiro. O outro lado é o positivo: viver para fazer o melhor bem a todos os outros seres, sempre que houver oportunidade.

1-3. RESPONSABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CARÁTER

Verdade, pureza, amor: estes são os princípios imutáveis que devem ser construídos na fundação do templo de caráter. Nós nunca podemos ter uma estrutura nobre sem uma base forte e segura.

Sobre a fundação, assim posto, o caráter deve ser construído. Nenhum magnífico edifício jamais cresceu por milagre. Pedra por pedra que subiu e cada bloco foram colocados em seu lugar pelo trabalho e esforço. “Você não pode se imaginar com um caráter divino”, diz um escritor, “você deve martelar e forjar um para si.” Mesmo com a melhor base, deve haver a construção fiel e paciente até o fim.

Cada um deve construir o seu próprio caráter. Ninguém pode fazer isso por outrem. Ninguém além de você mesmo pode tornar sua vida bela. Ninguém pode ser verdadeiro, puro, honrado e amoroso em seu lugar. Orações e ensinamentos de uma mãe não podem lhe dar a força de alma e grandeza de espírito. Somos ensinados a edificar uns aos outros, e nós, de fato, ajudamos a construir outro templo/vida de cada um. Consciente ou inconscientemente, estamos deixando continuamente um toque na alma dos outros, toques de beleza ou de feiura. Em todos os livros que lemos, o autor coloca algo novo na parede da nossa vida. Cada hora de companheirismo com outro ou dá um toque de beleza ou uma mancha para o nosso espírito. Cada canção que é cantada em nossos ouvidos entra em nosso coração e torna-se parte do nosso ser. Mesmo o cenário natural em meio ao qual vivemos deixa a sua impressão sobre nós. Assim os outros e assim todas as coisas sobre nós, de fato, têm o seu lugar como construtoras de nosso caráter.

Mas somos nós mesmos os reais construtores. Outros podem levantar os blocos no lugar, mas temos que colocá-los na parede. Nossas próprias mãos dão os toques de beleza ou de defeito, ainda que as mãos de outras pessoas segurem os pincéis ou misturem as cores para nós. Se o edifício é manchado ou fica sem graça quando for concluído, não podemos dizer que a culpa de outro alguém. Outros podem ter pecado, e a herança do pecado é sua; outros podem ter te ofendido demais, e a dor ainda permanece em sua vida. Você nunca pode ser o mesmo neste mundo que poderia ter sido, exceto pelo ferimento. Você não é responsável por essas manchas de seu caráter feitas por mãos alheias. Ainda assim você é o construtor – você e Deus.

Mesmo os fragmentos do que parece uma ruína, você pode tomá-los e, com eles, pela graça de Deus, fazer um tecido nobre. É estranho como muitas das mais belas vidas da Terra cresceram além do que parecia ser derrota e fracasso. De fato, Deus parece amar construir a beleza espiritual além dos fragmentos de naufrágio da vida, mesmo além dos destroços do pecado. Conta-se que numa grande catedral havia um vitral, feito por um aprendiz a partir dos pedaços de vidro, que foram jogados fora como lixo rejeitado e inútil quando os outros vitrais foram feitos, e que este é o mais belo vitral de todos. Você pode construir um caráter nobre por si mesmo, apesar de todas as dores e as lesões que outros fizeram contra você, intencionalmente ou não, com os fragmentos das esperanças quebradas e alegrias, e as oportunidades perdidas que se encontram espalhadas debaixo dos seus pés. Não há outros, por piores que sejam suas obras de dor e de dano, que possam impedir a sua construção de um belo caráter para você mesmo!

Quando o antigo templo de Salomão foi criado, o mundo inteiro foi procurado para tanto, e seus objetos mais caros e bonitos foram reunidos e colocados na casa sagrada. Da mesma forma, devemos procurar em todos os lugares por tudo o que é verdadeiro, tudo o que é amável e tudo o que é puro para construir nossa vida. Tudo o que podemos aprender com os livros, da música, da arte, dos amigos, tudo o que podemos reunir a partir da Bíblia e receber das mãos do próprio Cristo, devemos ter e construir em nosso caráter, para torná-lo digno. Porém, a fim de descobrir as coisas que são adoráveis, devemos ter a beleza em nossa própria alma. “Embora viajemos por todo o mundo para encontrar o belo,” diz alguém, “temos que levá-lo em nosso próprio coração, ou, para onde quer que possamos ir, não vamos encontrá-lo!” Apenas um coração puro, amável e verdadeiro, poderá descobrir as coisas que são verdadeiras, puras e amáveis para construir o caráter. Devemos ter Cristo em nós, e então veremos as coisas do Cristo em todos os lugares, e as reuniremos em nossa própria vida.

Há algumas pessoas que, no desânimo de derrota e fracasso, sentem, então, ser tarde demais para construírem seu belo caráter. Elas perderam sua última oportunidade, ao que parece, mas isso nunca é verdade para as pessoas por quem Cristo morreu. Um poeta fala de caminhar em seu jardim e de se deparar com um ninho de pássaros no chão. A tempestade varreu a árvore e arruinou o ninho. Enquanto ele tristemente refletia sobre a destruição da casa dos pássaros, ele olhou para cima, e lá viu a construção de uma nova no meio dos galhos. Os pássaros nos ensinam uma lição imortal: apesar de tudo parecer perdido, não vamos sentar e chorar em desespero; vamos nos levantar e começar a construir de novo. Ninguém pode desfazer um erro passado. Ninguém pode reparar as ruínas de anos que já se foram. Nós não podemos viver a nossa vida mais uma vez. Mas, aos pés de nosso Pai, podemos começar de novo como crianças, e fazer totalmente nova a nossa vida.

CAPÍTULO 2

UMA CONSTRUÇÃO INACABADA DA VIDA

2-1. SOMOS TODOS CONSTRUTORES

“Este homem começou a construir e não foi capaz de terminar!”
(Lucas 14:30)

Somos todos construtores. Nós não podemos construir qualquer casa ou templo em uma rua da cidade para os olhos humanos verem, mas cada um de nós constrói um edifício que Deus vê! A vida é um edifício. Ele sobe lentamente, dia a dia, ao longo dos anos. Cada nova lição que aprendemos estabelece outro bloco do edifício que aumenta silenciosamente dentro de nós. Cada experiência, cada toque de outra vida na nossa, toda influência que nos impressiona, todos os livros que lemos, todas as conversas que temos, todos os atos dos nossos dias comuns, acrescenta algo ao edifício invisível. A desculpa, também, tem o seu lugar na preparação das pedras para encaixar na parede de vida. Toda a vida fornece o material.

Há muitas estruturas nobres construídas neste mundo, mas há também muitos que constroem apenas a base, cabanas toscas, sem beleza, que serão varridas no fogo das provas de julgamento. Há muitos, também, cuja vida de trabalho apresenta o espetáculo de um edifício inacabado. Houve um belo plano para começar, e o trabalho foi promissor por um tempo, mas logo em seguida ele foi abandonado e deixado em pé, com as paredes até a metade. Um fragmento inútil, aberto e exposto, uma ingloria ruína incompleta, nada contando de esplendor passado como fazem as ruínas de um velho castelo ou coliseu. Um monumento único da loucura e fracasso.

Alguém escreveu: Não há nada mais triste do que uma ruína incompleta, que nunca foi usada, que nunca foi o que era para ter sido, sobre a qual nenhuma associação sagrada, nobre ou pura se fixou, nenhuma ideia de batalhas travadas e vitórias alcançadas, ou de derrotas tão gloriosas quanto as vitórias. Deus as vê onde nós não as vemos. Quanto mais alta a torre, mais *incompleta* ela pode estar do que a menor de todas, para Ele.

Não devemos nos esquecer da verdade desta última frase. Há vidas que aos nossos olhos parecem só ter sido iniciadas e depois abandonadas, mas que aos olhos de Deus ainda estão aumentando mais e mais em graciosa beleza. Aqui está alguém que começou sua vida de trabalho com todo o ardor da juventude e todo o entusiasmo de um espírito consagrado. Por um tempo a sua mão nunca se cansou, sua energia nunca diminuiu. Amigos esperavam grandes coisas dele. Em seguida, sua saúde ce-deu. A mão diligente agora se dobrava sobre seu peito. Seu entusiasmo não mais o impulsiona para frente. Sua obra encontra-se inacabada.

“Que pena!”, os homens dizem. Mas, espere! Ele não deixou uma vida de trabalho inacabada, segundo Deus a vê. Ele está descansando em submissão aos pés do Mestre e, no entanto, está crescendo nas virtudes cristãs. O templo espiritual da sua alma está subindo lentamente para o silêncio. Todo dia é acrescentado algo à beleza de seu caráter conforme ele aprende as lições de paciência, confiança, paz, alegria e amor. Sua construção, no final, vai ser mais bonita do que se ele tivesse tido permissão de trabalhar nisso através de muitos anos de trabalho intenso, a realização de seus próprios planos. *Ele está cumprindo o plano de Deus para sua vida.*

Não devemos medir o *edifício espiritual* pelos padrões terrenos. Onde o coração permanece leal e fiel a Cristo, onde a cruz do sofrimento é retomada alegremente e ter docemente, onde o *espírito* é obediente, ainda que as *mãos* devam ficar dobradas e os pés devam estar parados, o templo sobe continuamente em direção à beleza completa.

Existem, todavia, os *edifícios abandonados da vida*, cuja história fala só de vergonha e fracasso. Muitas pessoas começam a seguir a Cristo, e depois de um pouco de tempo afastam-se de sua profissão de fé, e deixam apenas um pretensioso começo ficar como uma ruína a ser ridicularizada pelo mundo, e desonram o nome do Mestre.

2-2. DEFLAGRADORES DE UMA CONSTRUÇÃO INACABADA DA VIDA

Às vezes é o *desânimo* que leva os homens a desistirem do trabalho que começaram. Em um de seus poemas, Wordsworth³ conta uma história

³ Referência a William Wordsworth (1770-1850), tido como o maior poeta romântico inglês. A composição literária a que Miller se refere, da lavra de Wordsworth, é “Michael – Um poema pastoral” (tradução livre), escrito em 1800 (N. do T.).

patética de um *amontoado disperso de pedras brutas* e o início de um aprisco que nunca foi terminado. Com sua esposa e único filho, o velho Michael, um pastor das Highlands⁴, morava há muitos anos em paz, mas o problema foi que tornou necessário que o filho fosse embora para que se mantivesse por si próprio por um tempo. Por um tempo, bons relatórios vieram dele, e o velho pastor lhe visitaria quando ele tivesse lazer do trabalho no aprisco que estava construindo. Aos poucos, no entanto, a triste notícia veio de seu filho Luke. Na grande cidade dissoluta, ele havia se dado a maus caminhos. Vergonha caiu sobre ele, e ele procurou um lugar para se esconder no além-mar. As notícias tristes partiram o coração do velho pai. Ele voltou ao que era antes, cuidando de suas ovelhas. Para o vale oco ia de vez em quando, para construir o inacabado aprisco, mas os vizinhos em sua piedade notaram que ele trabalhou pouco naqueles dias tristes.

Anos depois, o pastor foi embora, as ruínas do inacabado aprisco ainda estavam por lá, um triste memorial de alguém que começou a construir, mas não terminou. *O pesar partiu seu coração, e sua mão afrouxou.*

Muitas vezes nobres edifícios da vida são abandonados no tempo de tristeza, e as mãos que eram rápidas e habilidosas antes de a tristeza vir penduram-se e não fazem nada mais no templo da parede. Em vez disso, no entanto, de nos levar a desistir do nosso trabalho e vacilar na nossa diligência, isso deve nos inspirar a uma ainda maior seriedade em todo o dever, e maior fidelidade em toda a vida.

Falta de fé é outro motivo que leva muitos a abandonarem seus templos da vida inacabados. Multidões seguiram Cristo nos dias anteriores do Seu ministério, quando tudo parecia brilhante, que quando viram a *sombra da cruz*, virou para trás e já não andavam com ele. Eles perderam sua fé Nele. É surpreendente ler quão perto mesmo os apóstolos vieram a deixar suas construções inacabadas. Não tivessem a sua fé novamente depois de Cristo ressuscitar, eles teriam deixado neste mundo somente memoriais tristes de fracasso, em vez de gloriosos templos concluídos. Nestes mesmos dias, há muitos que, através da perda de sua fé, estão abandonando seus trabalhos na parede do templo do discipulado cristão, que eles começaram a construir. Quem não conhece aqueles que uma vez foram sinceros e entusiasmados na vida cristã, enquanto havia pouca oposição, mas que desfaleceram e não conseguiram, quando se tornou difícil confessar a Cristo e caminhar com Ele?

O *pecado* de certa forma atrai bastante um construtor para fora de seu trabalho, a fim de deixá-lo inacabado. Podem ser os *fascínios do mundo*, que o seduzem para sair do lado de Cristo. Podem ser as *más companhias*, que o tentam para deixar a amizade leal do Salvador. Podem ser as *rique-*

⁴ Isto é, os altiplanos escoceses (N. do T.).

zas, que entram em seu coração e cegam os olhos para as atrações do céu. Pode ser algum segredo degradante de *luxúria*, que ganha poder sobre ele e paralisa sua vida espiritual. Muitos são aqueles que agora estão em meio a uma multidão mundana, que certa vez se assentaram à mesa do Senhor e estavam no meio do povo de Deus. Suas vidas são construções inacabadas, torres que começaram com grande entusiasmo e depois deixadas para contar sua triste história de fracasso a todos os que por ela passam. Eles começaram a construir e não foram capazes de terminar.

É triste pensar o quanto desta obra inacabada Deus vê quando Ele olha para baixo sobre a nossa terra. Pense nos *bons princípios* que nunca chegaram a nada no final. Pense nas *excelentes resoluções* que nunca serão realizadas, os planos nobres de vida que foram cogitados por tantos jovens com ardente entusiasmo, mas logo desistidos. Pense nas *belas visões* e grandes esperanças que poderiam ter feito realidades esplêndidas, mas que desapareceram sem nem mesmo uma tentativa séria de trabalhá-los em vida.

Em todos os aspectos da vida, vemos estes *edifícios abandonados*. O mundo dos *negócios* está cheio deles. Os homens *começaram* a construir, mas em pouco tempo eles foram embora, deixando o seu trabalho não concluído. Eles se estabeleceram com entusiasmo, mas tornaram-se cansados com o tempo, com o esforço ou cresceram desanimados com a vinda lenta do sucesso, e abandonaram seu ideal exatamente quando ele talvez estivesse pronto para ser realizado.

Muitas *casas* apresentam o espetáculo de milhares de sonhos abandonados de amor. Por um tempo, a bela visão brilhou e dois corações tentaram torná-lo realidade, mas se entregaram ao desespero e à duradoura miséria, ou indo aos seus próprios caminhos separados.

2-3. CONCLUSÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO INACABADA

Assim, a vida em todos os lugares está cheio de *princípios*, que nunca são conduzidos à *conclusão*. Não há um destruidor de almas nas ruas, nem um prisioneiro cumprindo sentença atrás das grades, nem um perverso, caído num lugar qualquer, em cuja alma não havia visões de beleza, grandes esperanças, pensamentos e propósitos santos e altas resoluções de um ideal de algo belo e nobre. Mas, infelizmente, as visões, as esperanças, os efeitos, as resoluções, nunca cresceram além do *começo*. Deus se inclina para baixo e vê um grande deserto de prédios inacabados, possibilidades brilhantes não cumpridas, nobres *poderiam-ter-sido* abandonados: horríveis ruínas agora, tristes memoriais somente de fracasso!

A lição de tudo isso é que devemos terminar o nosso trabalho, jamais permitindo que algo nos afaste do nosso dever, nunca devendo nos tornar cansados em seguir a Cristo, que devemos perseverar, desde o início da nossa firmeza de ideais, até o fim. Não devemos vacilar sob qualquer encargo, em face do perigo, antes de qualquer demanda de custo ou sacrifício. Nem desânimo, tristeza, atração mundana, ou dificuldades, devem enfraquecer por um momento a nossa determinação de ser fiéis até a morte! Ninguém que tenha começado a construir em Cristo deve deixar um trabalho de vida inacabado, abandonado ao seu próprio sofrimento eterno!

No entanto, devemos lembrar, a menos que nos tornemos desanimados, que apenas em um sentido humano qualquer construção de vida pode ser *completamente concluída*. Nosso melhor trabalho na terra é defeituoso e imperfeito. É somente quando estamos em Cristo, e somos colaboradores Dele, que tudo o que fazemos sempre pode ser perfeito e belo; no entanto, os mais fracos e os mais humildes, que são simplesmente fiéis, vão ficar, ao final, completos Nele. Mesmo um mero *fragmento* de vida, tal como aparece aos olhos dos homens, se está verdadeiramente em Cristo e cheio do Seu amor e do Seu Espírito, aparecerá acabado quando se apresentar diante da presença divina. Para fazer a vontade de Deus, seja ela qual for, ou para completar o seu plano, deve-se estar completamente em Cristo, mesmo que vivamos apenas mais um dia, e que o trabalho que fizemos não preencha nenhum grande plano humano e não deixe nenhum registro brilhante entre os homens.

ANOTAÇÕES

CAPÍTULO 3

A ELABORAÇÃO DO CARÁTER

3-1. DO MUNDO NADA SE LEVA, EXCETO OS FRUTOS DO CARÁTER

“Vale mais ter um bom nome do que muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a riqueza e o ouro.” (Provérbios 22:1)

Devemos procurar reunir neste mundo um tesouro que podemos levar conosco através dos portais da morte para o mundo eterno. Devemos nos esforçar para construir, em nossas vidas, qualidades que devem durar. Homens se escravizam e trabalham para conseguir um pouco de dinheiro, ou para obter honra, ou poder, ou ganhar uma coroa terrestre, mas quando passam para a grande vastidão do porvir, eles nada levam disso tudo isso consigo!

Um grande conquistador que havia conquistado impérios e hordas de espólios pediu para ser enterrado com as mãos descobertas, a fim de que todos pudessem ver suas mãos vazias e que ele nada levou consigo de todas as suas vastas conquistas.

No entanto, há algumas coisas – virtudes, frutos do caráter, graças, vitórias de conquistas morais, que os homens carregam consigo para fora deste mundo. Alguém disse: “A única coisa que dá as costas ao túmulo junto com os que choram e se recusa a ser enterrado é o caráter.” Isto é verdade. O que um homem É sobrevive a partir dele. Isso nunca pode ser enterrado. Ele permanece sobre a sua casa quando seus passos já não são ouvidos lá. Ele vive na comunidade, onde era conhecido. E a mesma coisa – o que um homem É – ele carrega consigo para o mundo eterno.

Dinheiro, status e prazeres e ganhos terrenos ele deixa para trás de si, mas o seu caráter ele leva consigo para a eternidade.

Isto sugere de uma só vez a importância e a construção de caráter. Um homem não pode ser tão bom quanto a sua reputação. Uma boa reputação pode esconder um coração e vida maus. O caráter não é o que um homem professa ser, mas o que ele realmente é como Deus o vê. A definição é importante. Reputação não é caráter. A reputação é o que os vizinhos e amigos de um homem pensam dele; caráter é o que o homem é.

3-2. CONCEITO DE CARÁTER

A história da palavra “caráter” é interessante. Antigamente, caráter era o selo ou modelo pelo qual um fabricante de tijolos, um gravador ou outro trabalhador *marcavam* o objeto que faziam⁵. Aplicado à vida, o caráter é aquilo que as experiências que alguém grava ou imprime em sua alma. Um *bebê* não tem caráter. Sua vida não passa de um pedaço de papel branco em que algo está para ser escrito, uma música ou uma história, talvez uma tragédia de tristeza. O caráter cresce à medida que o bebê passa para a idade adulta. Todos os dias algo é escrito aqui, alguma marca é feita. A *mãe* escreve alguma coisa, o *professor* escreve algo, as *experiências* de cada dia escrevem algumas palavras, cada toque ou influência de outras vidas deixa alguma marca; tentação e luta fazem sua parte para preencher a página; livros, educação, tristeza, alegria, companheiros, amigos, tudo na vida *toca e pinta* alguma linha de beleza ou arranha alguma marca de dano. O caráter final é o resultado de todas estas influências que trabalham e interagem sobre a vida. O caráter é a *página* totalmente escrita, o *quadro* terminado.

3-3. O CARÁTER DE CRISTO COMO MODELO

O caráter de Cristo é o modelo, o ideal para a vida de cada cristão. No final das contas, estamos para ser completamente semelhantes a Ele e, portanto, o *objetivo* e *esforço* de toda uma vida deve ser no sentido da bendita beleza de Cristo. Sua *imagem* nós encontramos nos Evangelhos. Podemos olhar para ele todos os dias; podemos estudá-la em seus detalhes, como nós seguimos o nosso Senhor, em Sua vida entre os homens, em todas as variações de experiência pela qual Ele passou.

⁵ De fato, a etimologia da palavra “caráter” vem do grego *χαρακτήρ* (*karaktér*), que significa “marca sulcada ou gravada”, mesma origem do termo “caracteres”, componentes gráficos de um texto impresso – isto é, gravado – sobre determinada folha de papel, ou mesmo do substantivo *característica*, isto é, as “marcas” de algo ou alguém (N. do T.).

Perguntaram a uma menina cristã: “Para você, o que é ser cristã?” Ela respondeu: “É fazer o que Jesus faria, e se comportar como ele iria se comportar se Ele fosse uma menina e morasse em nossa casa.” Melhor resposta não poderia ter sido dada: praticamente não há experiência alguma da vida para a qual não possamos encontrar algo na vida de Cristo que nos possa instruir.

Podemos ver como Jesus se comportou como uma *criança* em casa; como um *homem* em meio a necessidades e direitos humanos; como um *amigo* entre amigos defeituosos e imperfeitos; como um *cachecol* entre os acometidos pela tristeza; como *ajudante* de outros em seus males e enfermidades. Podemos encontrar os traços e qualidades de sua vida, como eles brilham em seu contato com a tentação, com a inimizade, com o mal, com a dor, com a tristeza.

O estudo da história da vida de Cristo não é como o estudo de uma imagem ou estátua de mármore: vemos Cristo em todas as relações humanas, e podemos aprender apenas como Ele agiu, como Ele deu de si mesmo.

A criança perguntou à mãe: “*Jesus é como alguém que eu conheço?*” É possível encontrar *reflexos ofuscantes* da beleza de Cristo em Seus verdadeiros seguidores, mas nós não precisamos nos voltar para a vida humana, mesmo a mais perfeita, para saber como era Jesus, para que possamos vê-lo na história do Evangelho por nós mesmos. Nós não temos nenhuma desculpa para não saber o que é o ideal para uma verdadeira vida humana.

A próxima coisa quando temos a visão de Cristo diante de nós é colocá-la implantada em nossa própria vida. Alguém diz: “Deus jamais nos permitiu vislumbrar uma teoria bonita demais sobre Seu poder para torná-lo prático.” Isso é verdade, e nunca sem esforço e luta poderemos ter um caráter honroso para nós mesmos. Não podemos apenas sonhar com uma masculinidade ou feminilidade digna: devemos forjá-la para nós mesmos com o suor e angústia, a nobreza que deve brilhar diante de Deus e do homem.

Na presença de um grande quadro, um jovem artista disse ao Sr. Ruskin⁶, “Ah, se eu pudesse colocar algo como um *sonho* sobre tela.” “Sonho sobre tela!”, rosnou Ruskin. “Vai levar dez mil toques do pincel sobre a tela para tornar seu *sonho* realidade!”

É mais fácil colocar sonhos na tela do artista do que colocar na nossa vida humana as belas visões de semelhança de Cristo que encontramos nas páginas do Evangelho. No entanto, esse é o verdadeiro problema da vida cristã e, apesar de difícil, não é impossível. Se nós nos esforçarmos,

⁶ Confira nota 2, Capítulo 1.

tentarmos e trabalharmos em nossos esforços para obter as nossas visões de caráter traduzidas em realidade, como os artistas fazem para pintar suas visões sobre tela, ou esculpi-las em pedra, seremos todos muito nobres. Jamais foi um ideal bastante elevado o de ser realizado, enfim, com a ajuda de Cristo. As visões celestes que Deus nos dá são profecias sobre o que *podemos* nos tornar, o que nascemos *para* ser.

No entanto, o custo é sempre alto para esculpir a beleza que Deus nos mostra como um ideal para as nossas vidas. Custa autodisciplina, muitas vezes angústia, como devemos negar a nós mesmos e cortar as coisas que amamos. *O EGO* deve ser crucificado se a *nobre masculinidade* em nós estiver sempre livre para brilhar em sua beleza, ou se o anjo dentro do bloco de mármore estiver encarcerado. Michelangelo costumava dizer como as *lascas* caíram finas e rapidamente a partir do pedaço de mármore em seu estúdio: “Enquanto o mármore vira resíduo, a imagem cresce.” Deve haver uma retirada de resíduos de si mesmo, um desbastar contínuo das coisas que são caras à nossa natureza humana pecadora se as coisas que são verdadeiras, puras e simplesmente encantadoras devem ser autorizados a sair de nós. O mármore deve ter seus resíduos extraídos enquanto a imagem cresce! Não é fácil tornar-se um homem de Deus, um homem cristão. No entanto, nunca devemos esquecer que é possível. Deus jamais colocaria numa alma um sonho de caráter nobre que Ele não estivesse capaz e pronto para ajudar a torná-lo real.

CAPÍTULO 4

A INFLUÊNCIA DO COMPANHEIRISMO

4-1. IMPRESSÕES ENTRE VIDAS

“O que anda com os sábios ficará sábio, mas o companheiro dos tolos será destruído” (Provérbios 13:20)

O poder da vida de uma pessoa sobre outra é algo quase surpreendente! Houve olhares individuais de um olho que mudaram um destino. Houve encontros de apenas um momento, mas que têm impressões deixadas pela vida, por toda a eternidade! Ninguém pode compreender essa coisa misteriosa que chamamos de influência. Lemos de nosso bendito Senhor que a virtude saiu dele e curou a mulher tímida, que veio por detrás dele no meio da multidão e tocou a orla do seu manto; e uma vez mais, quando a multidão vinha sobre ele e procurava lhe tocar, a virtude saía dele e curava a todos. Claro, nunca houve outra vida como de Cristo, mas cada um de nós continuamente exerce influência, seja para curar, para abençoar, para deixar marcas de beleza, ou de ferir, magoar, envenenar, manchar outras vidas.

Estamos sempre acrescentando ao mundo tanto saúde quanto felicidade ou bem – ou à sua dor, tristeza e maldição. Cada momento de vida verdadeira e honesta, cada vitória que conquistamos sobre o ego ou o pecado, e até mesmo o menor fragmento de uma doce vida que vivemos, torna mais fácil para os outros serem corajosos, verdadeiros e gentis. Estamos sempre exercendo influência.

4-2. O PROBLEMA DO MAU COMPANHEIRISMO

E é assim que o *companheirismo* sempre deixa a sua impressão. Não se pode sequer olhar para outro nos olhos, em um profundo e sincero olhar, sem que um toque não tenha sido deixado em sua alma. Um homem, tendo passado a meia idade, disse que em sua sensível juventude outro jovem chamou-o à parte e, secretamente, mostrou-lhe uma imagem obscena. Ele olhou para ela por só por um momento e, em seguida, virou-se. Mas um *ponto* tinha sido queimado em sua alma. A lembrança daquela olhada ele nunca foi capaz de eliminar. Ele permaneceu com isso ao longo de todos os quarenta anos que viveu, sempre vindo por sobre ele em seus momentos mais sagrados, e manchando seus pensamentos mais sagrados!

Nós não sabemos o que estamos deixando para as nossas vidas quando nos engajamos no companheirismo, até mesmo por uma hora, aquilo que não é bom, não é puro, nem verdade. Então, quem pode estimar a influência degradante de tal companhia quando nela permaneceu até que se tornasse intimidade e amizade; quando confidências são trocadas, quando a alma toca a alma, quando vida flui e se mistura com vida?

Quando a pessoa desperta para a consciência do fato de que ele constituiu ou está constituindo uma companhia cuja influência pode machucá-lo e, talvez, destruí-lo, só há uma coisa certa a fazer: ela deve imediatamente ser abandonada!

Um coelho foi capturado pela sua pata na armadilha de aço do caçador. A pequena criatura parecia saber que, a menos que ela pudesse ficar livre, a sua vida logo seria perdida. Assim, com uma bravura que induz a nossa maior admiração, ele mordeu sua pata com seus próprios dentes e assim, fez-se livre, embora deixando a pata na armadilha. Quem, no entanto, vai dizer que não seria mais sensato escapar da morte dessa maneira, mesmo com a perda de seu pé, do que ter mantido o pé e morrido? Se alguém descobre que está sendo preso no laço do mau companheirismo ou amizade, não importa o que isso possa lhe custar: ele deveria se afastar disso! É melhor entrar na vida pura, nobre e digna, com uma mão ou um pé, ou ambas as mãos e pés cortados, do que salvar esses membros e ser arrastado para a morte eterna! Os jovens devem ter cuidado para não ser pegos na *companhia do mal*. É como as máquinas de uma fábrica que, quando em dado momento, se apega à borda da sua roupa, rapidamente puxa toda a vestimenta e gira o corpo da pessoa para uma morte rápida e terrível.

4-3. A VIRTUDE DO BOM COMPANHEIRISMO

Contudo, um caráter bom e honesto também tem a sua influência. Bom companheirismo tem apenas benção e coisas bem ditas para o ou-

tro. Houve meros encontros casuais, apenas por um momento, como quando os navios passam e sinalizam ao outro no mar, o que, no entanto, tem deixado bênçãos, cuja influência jamais perecerá.

Assim é com a influência de boas vidas. Palavras, pensamentos, músicas, obras de bondade, o poder de exemplo, a inspiração das nobres coisas caem do céu da pura e profunda amizade no coração de uma pessoa, e caindo, lá estão encerradas e se tornam belas joias e adornos santos na vida. Mesmo os breves momentos de digno companheirismo deixam a sua marca de bênção. Então, quem pode dizer o poder de uma estreita e longa amizade, percorrendo muitos anos, compartilhando as experiências mais profundas, coração com coração unidos, vida e vida tecidas como se fossem uma única rede?

Nossos *amigos* também são nossos *ideais*. Pelo menos na vida de cada belo amigo vemos um pequeno vislumbre da vida celestial – um pequeno fragmento da beleza do Senhor que se torna parte da glória em que devemos moldar nossas vidas.

Há uma maravilhosa restrição e constrição do poder sobre nós, na vida de quem amamos. Não nos atrevemos a fazer o mal na presença de um amigo puro e gentil. Todo mundo sabe como ele se sente indigno quando ele vem com a consciência e lembrança de algum pecado ou alguma maldade na companhia de alguém que ele honra como um amigo. É uma espécie de “presença de Jesus” que o nosso amigo é para nós, na qual não nos atrevemos a fazer o mal.

“Um amigo tem muitas funções. Ele vem como o branqueador em nossas vidas, para *dobrar* nossas alegrias e *cortar pela metade* nossas dores. Ele vem como o conselheiro para dar sabedoria aos nossos planos. Ele vem como o fortalecedor para multiplicar as oportunidades e ser nossas mãos e pés para nós na nossa ausência, mas, acima de tudo, ele vem como nosso repressor, para explicar nossas falhas e nos envergonhar de nossos pecados, como nosso purificador, levantador, nosso ideal cuja vida para nós é um desafio constante em nosso coração! Ele nos diz: ‘amigo, suba mais para cima, mais alto comigo, para que você e eu possamos ser os verdadeiros amigos, que estão mais perto de Deus, quando mais próximos um do outro.’”

Se estas coisas são verdadeiras, e ninguém pode duvidar de sua verdade, esta questão de companheirismo é de uma importância vital. É especialmente importante para os jovens uma reflexão atenta e cuidadosa para a escolha de seus colegas e amigos. Claro, eles não podem escolher aqueles com quem eles se misturam de uma forma geral, na escola, no trabalho ou nos negócios. Algum deles é por muitas vezes obrigado a se sentar ou ficar dia após dia ao lado de quem não é justo ou digno. A lei do amor cristão exige que em todos os casos devam ser mostradas a maior

cortesia e gentileza; isso pode ser feito e o coração não aberto ao real companheirismo.

É o companheirismo que deixa a sua marca na vida – isto é, o engajamento em amizades em que os corações se misturam. O próprio Jesus mostrou amor a todos os homens, mas Ele tomou como companheiros alguns poucos escolhidos. Devemos ser como Ele, buscando ser uma bênção para todos, mas recebendo em relacionamentos e confidências pessoais somente aqueles que são dignos e cujas vidas vão ajudar na edificação de nossas próprias vidas.

CAPÍTULO 5

OBTENDO AJUDA DIANTE DE CRÍTICAS

5-1. GENERALIDADES

Perfeição na vida e no caráter deve ser o objetivo de cada cristão. Nossa oração deve ser sempre formada em beleza impecável. Não importa o custo, nunca devemos encolher uma coisa qualquer que vai nos ensinar uma nova lição ou colocar um novo toque de beleza em nosso caráter.

Nós temos nossas aulas através de muitos professores. Lemos em livros linhas justas que estabelecem tarefas santas de realização para nós. Vemos em outras vidas coisas lindas que inspiram em nós anseios nobres. Nós aprendemos com a experiência e crescemos pela prática. Podemos obter alguma lição, também, daqueles com quem vivemos. As pessoas deveriam ser um meio de graça para nós. Simples contato de *vida com vida* é refinador e estimulante. “Como o ferro com ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo.”⁷

5-2. BENEFÍCIOS OFERECIDOS PELA CRÍTICA

O mundo nem sempre é amigável para nós. Ele não está disposto sempre a nos dar tapinhas nas costas, cuidar de nós ou nos elogiar. Uma das primeiras coisas que um jovem aprende, quando ele sai de sua própria casa, onde todos o adoram, é que ele deve se submeter à crítica e oposição. Nem tudo o que faz recebe uma comenda; mas essa mesma

⁷ Provérbios 27:17 (N. do T.).

condição é saudável. O nosso crescimento é muito mais saudável em tal atmosfera do que onde temos apenas adulação e louvor.

Devemos obter lucro a partir de críticas. Dois pares de olhos devem ver mais do que um. Nenhum de nós tem toda a sabedoria que há no mundo; ainda que qualquer um de nós possa ser sábio, há outros que sabem algumas coisas melhor do que nós, e que podemos fazer sugestões valiosas e úteis para nós, pelo menos sobre alguns pontos do nosso trabalho. O sapateiro pode nunca ter pintado a imagem, mas ele poderia criticar a fivela quando parou diante da tela que o grande artista tinha coberto com suas nobres criações, e que o artista seria sábio o suficiente para acolher as críticas e alterar rapidamente a sua imagem, para fazê-la correta. É claro que o sapateiro sabe mais sobre sapatos, bem como o alfaiate ou a costureira sobre roupas e os marceneiros sobre a mobília, do que o artista. As críticas desses artesãos sobre as coisas em suas próprias especialidades devem ser de grande valor para o artista, e ele seria um pintor muito tolo que zombaria de suas sugestões e se recusaria a tirar proveito delas.

O mesmo é verdade em outras coisas além dessa. O conhecimento de ninguém é, de fato, universal. Nenhum de nós sabe mais do que alguns fragmentos da grande massa de conhecimento. Há algumas coisas que alguém sabe melhor do que você, no entanto a sua ampla gama de aprendizagem pode saber. Há pessoas muito humildes que poderiam lhe dar sugestões bem proveitosas sobre certos assuntos nos quais eles têm um conhecimento mais correto do que você. Se quiser fazer o seu trabalho perfeito, você será mais condescendente em levar dicas e informações de toda e qualquer pessoa que possa estar pronta para lhes dar a você.

É verdade, também, que outros podem ver as falhas e imperfeições em nós, que nós mesmos não podemos ver. Estamos bem estreitamente identificados com a nossa própria vida e trabalho a sermos observadores sem preconceitos ou apenas críticos. Nunca podemos fazer mais e melhor em nossa vida se nos recusamos a ser ensinados por outros que não nós mesmos. Um homem realmente *feito por conta própria* é muito mal feito, porque ele é o produto de um único pensamento humano. As coisas fortes na sua própria individualidade são suscetíveis de serem enfatizadas a um grau tal que eles se tornam idiosincrasias, enquanto que em outros casos seu caráter é relegado ao defeito. O homem *bem feito* é aquele que em seus anos de formação teve a vantagem da crítica saudável. Sua vida é desenvolvida em todos os lados. As falhas são corrigidas. Sua natureza é contida nos pontos onde a tendência é o crescimento excessivo, enquanto pontos de fraqueza são reforçados. Todos nós precisamos, e não apenas como uma parte da nossa educação, mas em toda a nossa vida e trabalho, a influência corretiva das opiniões e sugestões dos outros.

5-3. DA MANEIRA ADEQUADA DE SE LIDAR COM AS CRÍTICAS

Mas, a fim de obter lucro com as críticas, devemos nos relacionar com elas de uma forma simpática e receptiva. Devemos estar prontos para ouvir e refletir com hospitalidade para com as coisas que os outros possam dizer de nós e do que estivermos fazendo. Algumas pessoas só se machucam e nunca se sentem ajudadas com as críticas, mesmo quando elas são as mais sinceras. Elas sempre as consideram como indelicadas e as enfrentam com um sentimento amargo. Elas se ressentem disso a partir de qualquer fonte da qual possam vir, e a veem, de qualquer jeito, como algo impertinente. Elas as consideram como hostil, como um ataque pessoal contra o qual elas devem se defender. Elas parecem pensar em sua própria vida como algo vedado a quem dessas santidades, que nenhuma outra pessoa pode, com propriedade, oferecer sequer uma sugestão a respeito de tudo o que lhes diga respeito, a menos que o seja na forma de louvor. Elas têm tanto essas opiniões da infalibilidade de seu próprio julgamento e da excelência impecável de seu próprio desempenho que parece que nunca lhes ocorra, como possibilidade, que o julgamento dos outros possa lhes aumentar ainda mais a sabedoria, ou lhes apontar algo melhor. Então, elas se recusam absolutamente a aceitar as críticas, ainda que bondosas, ou qualquer sugestão que lhes pareça como algo de diferente do que já fizeram.

Todos nós conhecemos pessoas desse tipo. Enquanto os outros vão lhes elogiar em seu trabalho, elas dão atenção respeitosa e se demonstram satisfeitas, mas no momento em que uma crítica é feita, ainda que ligeiramente, ou até mesmo se a questão de saber se outra coisa não seria uma melhoria é feita, elas ficam ofendidas. Elas consideram como inimigo qualquer uma que até mesmo insinua desaprovação, ou que sugere, delicadamente, que isso ou aquilo pode ser feito de outra forma.

É difícil manter relações cordiais de amizade com essas pessoas, pois ninguém se importa de ser proibido de expressar uma opinião que não seja um eco de outrem. Muitas pessoas não se dão ao trabalho de manter a fechadura da porta de seus lábios durante todo o tempo, por medo de ofender um amigo autoconvencido. Posteriormente, aquele que rejeita e se ressentido de todas as críticas lança fora um dos melhores meios de crescimento e aperfeiçoamento. Ele não é mais dócil, e, por conseguinte, já não é um aprendiz. Ele prefere manter os seus defeitos a ser humilhado por ter ciência deles, a fim de tê-los corrigidos. Assim, ele não presta atenção ao que qualquer pessoa tem a dizer sobre o seu trabalho, e não obtém qualquer benefício das opiniões e julgamentos dos outros.

Esse espírito é muito imprudente. Infinitamente melhor é que nos mantenhamos sempre prontos a receber instruções de cada fonte. Nós não estaremos fazendo o máximo da nossa vida se não estivermos ansiosos

para fazer o nosso melhor em tudo o que fizermos e para progredirmos constantemente em nossas ações. Para fazer isso, devemos constantemente estar cientes das imperfeições do nosso desempenho, para que possamos corrigi-los. Sem dúvida machuca o nosso orgulho sermos cientificados dos nossos defeitos, mas seria melhor deixar a dor trabalhar a correção do que o ressentimento. Realmente devemos ser gratos a quem nos mostra uma mancha em nossa vida, que depois podemos tê-la removida. Nenhum amigo é mais verdadeiro e mais gentil conosco do que alguém que faça isso, pois ele nos ajuda a crescer com um caráter mais nobre e mais bonito.

5-4. DA MANEIRA ADEQUADA DE SE FAZER CRÍTICAS

Claro que existem diferentes maneiras de apontar uma falha. Uma pessoa faz isso sem rodeios e severamente, quase rude; outra vai encontrar uma maneira de nos fazer conscientes das nossas falhas, sem causar-nos qualquer corte de humilhação. Sem dúvida, é mais agradável que a nossa correção venha desta maneira gentil. Esta é também a maneira mais cristã de agir. Grande sabedoria é necessária em quem irá apontar defeitos nos outros: eles precisam de profundo amor no seu coração para que possam realmente buscar o bem daqueles em quem eles detectam as falhas ou erros, e não criticar num espírito de exultação. Muitos têm prazer em descobrir falhas em outras pessoas e direcioná-las à evidência; outros o fazem apenas quando estão com raiva, deixando escapar suas críticas afiadas em acessos de mau humor. Todos nós devemos buscar a possuir o espírito de Cristo, que era o mais paciente e gentil em dizer aos seus amigos onde eles falharam.

O dano frequentemente é feito pela falta desse espírito naqueles cujo dever é ensinar aos outros. Paulo ordena que os pais não provoquem seus filhos à ira, para que não fiquem desanimados. Há pais que estão dizendo continuamente os defeitos de seus filhos, como se toda a sua existência fosse um erro triste e impertinente, e como se os pais pudessem cumprir seu dever para com os seus filhos apenas por continuamente se irritarem por eles e apreendê-los.

Aqueles que são ungidos para treinar e ensinar os jovens têm uma enorme responsabilidade para o exercício sábio e amoroso do poder que lhes pertence. Nunca devemos criticar ou corrigir senão em amor. Se nos encontramos com raiva ou acalentarmos qualquer sentimento amargo, cruel, ou ressentido, de forma a estarmos prestes a apontar um erro ou engano em outra pessoa, ou no trabalho de outrem seria melhor ficarmos calados e não falar, até que possamos falar em amor. Só quando o nosso coração estiver cheio de amor, estaremos aptos a julgar o outro, ou para lhe dizer de suas faltas.

5-5. DISCERNINDO AS CRÍTICAS

Enquanto esse é o caminho cristão para todos os que fazem críticas dos outros, também é verdade que, embora aprendamos com nossas falhas, embora a pessoa que nos torna conscientes delas seja descortês e antipática, nós aceitaríamos melhor a correção de uma forma humilde e amorosa, e lucraríamos com isso. Talvez poucos de nós ouviria a mais pura verdade sobre nós mesmos até que alguém crescesse em raiva conosco, e a deixasse escapar com palavras amargas. Pode ser um inimigo que diga algo grave sobre nós, ou pode ser alguém que é vulgar e indigno de respeito, mas quem quer que seja, seria melhor perguntar se não poderia haver alguma verdade na crítica, e se ela existir, isso nos dirigiria, em seguida, a corrigir a nossa deficiência. De qualquer forma, se estamos conscientes de uma falha, devemos ser gratos pelo fato de sua descoberta nos dar a oportunidade de ascender a uma vida melhor, mais nobre, ou a uma conquista maior e mais agradável.

Há pessoas cujas críticas não são do tipo que possa nos beneficiar. É fácil encontrar defeitos mesmo no mais nobre trabalho; ademais, há aqueles que são censores por instinto, considerando isso como seu privilégio, quase como seu dever de dar parecer sobre qualquer assunto que surja diante deles e oferecer algumas críticas em cada parte do trabalho que observam. Suas opiniões, no entanto, geralmente são sem valor, e muitas vezes requer-se muita paciência para recebê-las graciosamente, sem se demonstrar irritação. Mas, mesmo nesses casos, quando obrigados a ouvir críticas injustas e duras de quem não conhece absolutamente nada dos assuntos sobre os quais fala com tanta autoridade, seria melhor receber todas as críticas e sugestões com bom humor e sem impaciência.

Uma história interessante de Michelangelo é contada, o que ilustra a maneira sábia de tratar até mesmo a crítica mais ignorante, intrometida e impertinente. Quando a grande estátua do artista de Davi foi colocada pela primeira vez na Praça de Florença, todas as pessoas foram se aquietando maravilhadas diante de sua nobre majestade; todas, exceto Soderini⁸. Este homem olhou para a estátua a partir de diferentes pontos de vista com um ar crítico sábio, e, em seguida, sugeriu que o nariz era um pouco longo demais. O grande escultor escutou em silêncio a sugestão e, tendo o seu cinzel e martelo, colocou uma escada contra a estátua, a fim de atingir-lhe o rosto, e subiu, levando um pouco de pó de mármore em sua mão. Em seguida, ele parecia estar trabalhando cuidadosamente sobre o objeto de censura, como se lhe mudando para atender o gosto de seu

⁸ Referência a Piero (Pier) di Tommaso Soderini (1450-1522), estadista italiano da República de Florença, de cuja capital era prefeito (N. do T.).

crítico, deixando o mármore cair em poeira conforme ele trabalhava. Quando ele desceu, Soderini novamente olhou para a figura, agora a partir de outro ponto de vista e, finalmente, expressou completa aprovação. Sua sugestão foi aceita, como ele supunha, e ele ficou satisfeito.

A história fornece um bom exemplo de uma grande quantidade de detecção de falhas para a qual devemos ouvir. Ela é pouco inteligente e sem valor, mas não pode ser contida. Não há assunto debaixo do céu em que essas pessoas sábias não pretendem ter o direito de expressar uma opinião, e não há trabalho tão perfeito ao qual não se pode apontar onde ele tenha defeito e possa ser melhorado. Eles ficam admirados com nenhuma grandeza; tais críticas são dignas apenas de desprezo, e esses críticos não merecem atenção cortês, mas é melhor que os tratemos com paciência. Isso ajuda, pelo menos em nossa própria autodisciplina, e é algo mais nobre.

Esta, então, é a lição: não devemos nos ressentir da crítica se ela for feita de uma forma respeitosa ou não; devemos ter expectativa e estar dispostos a aprender de qualquer pessoa, uma vez que até mesmo o homem mais humilde e mais ignorante sabe algo melhor do que nós, e é capaz de ser o nosso professor, em algum momento; que a verdade sempre deve ser acolhida, especialmente a verdade sobre nós mesmos, o que afeta a nossa própria vida e trabalho, ainda que isso possa ferir o nosso orgulho e nos humilhar, ou em sua maneira de vir a nós ela possa nos prejudicar; e que, no momento em que aprendermos sobre tudo o que não seja belo em nós, devemos procurar a sua correção. Somente assim poderemos sempre alcançar os melhores objetivos no caráter ou na conquista.

CAPÍTULO 6

NOSSAS FALHAS OCULTAS

6-1. O MELHOR – E O PIOR – DO QUE OUTROS PENSAM SOBRE NÓS

“Quem pode discernir os próprios erros? Purifica-me tu dos que me são ocultos” (Salmos 19:12/R-IBB)

A Bíblia fala de pecados de ignorância. Portanto, há pecados que cometemos, dos quais não estamos conscientes. Em um dos Salmos, há uma oração para ser purificado das faltas *secretas* ou *escondidas*. Então temos falhas que não são vistas por nós mesmos.

Por isso, todos nós temos internamente muitas coisas, boas e más, que nossos companheiros homens não podem ver, mas pelas quais nós mesmos somos conscientes. Não podemos nos revelar perfeitamente até mesmo para nossos próprios companheiros íntimos. Com a intenção de esconder nada, mesmo desejando viver uma vida perfeitamente aberta, ainda haverá muitas coisas nas profundezas do nosso ser que os nossos amigos mais próximos não podem descobrir. Ninguém, além de nós mesmos, sabe os motivos que nos movem. Às vezes os vizinhos louvam nossa boa ação quando bem sabemos que o bem ficou ofuscado por uma intenção egoísta. Outros podem criticar algo que fazemos, cobrandos com um espírito errado, quando sabemos que, em nosso coração, era o verdadeiro amor que nos levou a isso.

Nós somos ao mesmo tempo *melhores* e *piores* do que os outros pensam sobre nós! As *melhores* coisas da vida espiritual não piscam sua beleza diante dos olhos humanos. Nenhum de nós pode sempre mostrar

para os outros tudo em nós que seja digno. Existem inúmeras estrelas nas profundezas do céu que olho humano algum jamais vê. As vidas humanas são mais profundas do que os céus, em que as estrelas estão definidas, e nas profundezas da alma, mesmo na mais comum, há mais esplendores não reveladas ao olhar humano do que sejam revelados. Quem há que diga toda a verdade que ele tenta dizer, quando se propõe a falar de ou para o seu Mestre? Que cantor coloca em seu canto toda a música que está na sua alma, quando canta? Que pintor transfere para suas telas toda a beleza da visão que enche seu coração? Que cristão sempre demonstra toda a lealdade a Cristo, toda a pureza e santidade, toda a delicadeza e doçura, toda a abnegação e utilidade, toda a graça e beleza que ele deseja mostrar em sua vida? Mesmo para aqueles que falham e caem na derrota, e cujas vidas são nada além da vergonha e do pecado, ainda há vislumbres de beleza, como os estilhaços de um ideal que certa vez foi muito nobre. Nós não sabemos que contendas, que penitências, que esforços para fazer melhor, que lágrimas de tristeza, que fome por Deus e pelo céu há no coração mesmo do depravado, no qual o mundo, mesmo os amigos mais próximos, não veriam nada de belo. Sem dúvida, em cada vida, há algo de bom que os olhos humanos não podem ver.

6-2. O MAL E AS FALHAS DE CADA SER HUMANO

Há o **mal**, também, que nossos amigos não podem detectar, coisas que ninguém suspeita, mas das quais nós mesmos somos dolorosamente conscientes. Muitas vezes um homem sai de manhã para ser amado e acolhido por seus amigos, louvado e honrado pelo mundo, carregando ainda em seu próprio peito a lembrança de algum ato de pecado ou uma vergonha, cometidos em segredo na noite anterior! “Se as pessoas me conhecessem”, diz ele, “como eu me conheço, elas me desprezariam, em vez de confiar em mim e me honrar.” Todos nós estamos conscientes de coisas miseráveis escondidas dentro de nós: hábitos secretos e maus praticados ao longo da vida, um jogo de pensamentos e sentimentos profanos, o surgimento de paixões e de temperamentos feios, os movimentos de orgulho, vaidade, egocentrismo, inveja, ciúme, dúvida, que não se revelam a qualquer outro olho. Há males em todos, os quais a pessoa conhece de si própria, mas que os outros nem sequer suspeitam.

Existem também **falhas**, coisas desagradáveis e pecados em nossos corações, dos quais nós mesmos não sabemos. Não é um olho que atravessa mais profundamente do que o nosso próprio em nossas almas. Em certo lugar Paulo diz: “Porque, embora em nada me sinta culpado, nem por isso sou justificado; pois quem me julga é o Senhor⁹.” Não basta ser inocente da

⁹ Referência a 1 Coríntios 4:4 (N. do T.).

transgressão *consciente*: há pecados de *ignorância*. Só Deus nos vê por dentro e além. Nós devemos viver por *sua* inspeção e aprovação.

Nós não podemos ver nossas próprias *falhas* até mesmo como os nossos vizinhos as veem. O fariseu, em sua oração – o que de fato não era uma oração, de forma alguma – falou muito de pecados de outras pessoas, mas não viu nada em si mesmo. Todos nós somos muito parecidos com ele. Causamos muito prejuízo em nosso próprio favor. Somos muito caridosos e tolerantes para com os nossos próprios defeitos. Fazemos todos os tipos de subsídio para os nossos próprios defeitos, e somos maravilhosamente pacientes com as nossas próprias fraquezas. Vemos nossas coisas *boas* ampliadas, e as nossas *imperfeições* em uma luz que lhes fazem parecer quase que como virtudes. Isso é tão verdadeiro que, se fôssemos encontrar conosco mesmos algum dia na rua – aquele eu que Deus vê, mesmo aquele eu que o nosso vizinho vê – nós provavelmente não o reconheceríamos como sendo realmente nós mesmos. Nosso próprio julgamento sobre a nossa vida não é inconfundível. Há um eu que não vemos.

Não podemos prever assim o **futuro** para saber onde as tendências secretas da nossa vida estão nos levando. Fazemos muitas coisas que aos nossos olhos parecem inocentes e inofensivas, mas que têm em si um mal escondido que não podemos ver. Nós nos saciamos com muitas coisas que para nós parecem não ser pecaminosas, mas que deixam em nossa alma um toque de ferrugem, uma sujeira na pureza, com a qual nós não sonhamos. Nós nos permitimos muitos pequenos hábitos nos quais não vemos nenhum perigo, mas que têm silenciosamente entrelaçado seus fios invisíveis em um cabo forte, que algum dia nos amarrará pés e mãos. Omitimos abnegações e sacrifícios, pensando não haver nenhuma razão por que deveríamos fazê-los, sem saber que estamos diminuindo nosso padrão de vida e permitindo o início sutil de *autoindulgência* a fluir em nosso coração.

6-3. O PECADO É ENGANOSO

Há outra classe de falhas escondidas. O pecado é enganoso. Sem dúvida, há muitas coisas que, na maioria de nós – modos de vida, traços de caráter, atributos de tendências – os quais consideramos, talvez, dentre os nossos pontos fortes, ou algo, pelo menos, justo e louvável em nós, que aos olhos de Deus não são apenas falhas e defeitos, mas sim pecados! O bem e o mal, em certas qualidades, não ficam muito distantes entre si. É muito fácil estar com devoção em princípio, para em seguida se ocultar em obstinação. É fácil para o autorrespeito, para a consciência da capacidade, passar por cima da raiva miserável, quando na verdade esteja dando lugar apenas a muito mau humor. É fácil transformar a gentileza em fraqueza, a

tolerância para com os pecadores em tolerância para com o pecado. É fácil para nós nos tornarmos muito egoístas em diversas fases de nossa conduta, enquanto que, em geral, somos de fato bastante altruístas.

Por exemplo: um homem pode dar a sua vida para o bem dos seus semelhantes, no sentido mais amplo, enquanto que, em sua própria casa, ele esteja totalmente alheio ao conforto e comodidade daqueles que lhe são mais próximos. Fora de casa, ele é educado, atencioso e gentil; dentro de casa, ele não se importa quantos problemas causa, exigindo e brigando por atenção e afazeres, atuando como o *pequeno tirano*, ao invés de mostrar um coração grande e generoso de cristão. Quem de nós não tem *manchas em segredo*, colocadas ao lado de suas *virtudes mais brilhantes*? Nós não as vemos em nós mesmos. Nós vemos as falhas cultivadas no nosso vizinho, e dizemos: “Que pena que um caráter tão bom esteja tão desfigurado!” E o nosso vizinho olha para nós e diz: “Que pena que, com tanta coisa boa, ele tenha tantos defeitos que o estraguem!” O pecado é enganoso.

6-4. LIDANDO COM FALHAS OCULTAS

A essência de tudo o que foi dito é que, além das falhas que nossos vizinhos veem em nós, além das vistas pelos nossos amigos mais próximos, além daquelas das quais nós mesmos somos conscientes, todos nós temos erros não descobertos em nossa vida: falhas ocultas, falhas secretas, das quais só Deus sabe.

Se estivermos vivendo em verdade, queremos encontrar cada falha ou defeito que há em nós, de qualquer tipo. Aquele que se encolhe após descobrir suas próprias falhas é um covarde. Devemos ficar felizes ao saber de qualquer coisa reprovável escondida em nós mesmos. Alguém diz: “Considere-se mais rico no dia em que descobre uma nova falha em si mesmo: não mais rico porque ela está lá, mas mais rico porque ela não é mais uma falha *oculta*, e se você ainda não encontrou todos os seus defeitos, ore para tê-los revelados a você mesmo, ainda que a revelação deva vir de uma forma que lhe fira seu orgulho”.

É perigoso permitir que todas as falhas, embora pequenas, permaneçam em nossas vidas, mas falhas *escondidas* são ainda mais perigosas do que aquelas das quais temos conhecimento. Elas são inimigas ocultas, traidoras no campo, não reconhecidas, que se passam por amigas! Nenhum homem será bom, autêntico e corajoso se permitir que um pecado ou falha descoberta permaneça incontestado em sua vida; porém, o pecado não descoberto espreita e faz ninho no coração do homem, e produz seu mal mortal em sua própria alma. Antes que o homem esteja consciente de sua presença, ele pode comer o coração de sua masculinidade e envenenar as próprias fontes de seu ser.

Defeitos ocultos, permanecendo desconhecidos e não curados em nós, vão dificultar o nosso crescimento espiritual e não saberemos a razão da nossa fraqueza moral ou falta de energia. Eles também irão derrotar a elaboração do plano divino em nossa vida. Quando Canova¹⁰, o grande escultor, estava prestes a começar a trabalhar em cima de sua estátua de Napoleão, diz-se que seu olho afiado viu uma pequena linha vermelha que atravessa a parte superior do esplêndido bloco de mármore, fora do qual ele iria esculpir a estátua. A pedra tinha sido levada a um grande custo de Paris para esse propósito expresso. Olhos comuns não viram nenhuma falha nela, mas o escultor a viu, e não usaria o mármore.

Pode não ser com tanta frequência com vidas que enfrentam grandes oportunidades? O olho de Deus vê nelas alguma falha desconhecida ou culpa, alguns pequenos linha de cor estragada. Deus deseja que a verdade esteja no íntimo. A vida que agrada a ele deve ser pura e branca por toda parte. Aquele que se apegua a falhas descobertas, recusando-se a expulsá-las, ou aquele que se recusa a deixar a vela do Senhor buscar os defeitos ocultos nele, para que possa colocá-las para fora, estraga o seu próprio destino. Deus não vai usá-lo para uma maior e mais nobre tarefa ou lhe confiará algo para o qual ele havia planejado usá-lo. A pequena linha vermelha que atravessa o mármore faz com que seja posto de lado e rejeitado. O que devemos fazer? Só Deus pode conhecer nossos defeitos ocultos. Devemos lhe pedir para sondar nossos corações, experimentar os nossos caminhos e para limpar nossas vidas de qualquer coisa má que ele encontrar em nós. Nossa oração deve ser: “Quem pode discernir os próprios erros? Purifica-me de falhas ocultas”. “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos Vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno” (Salmo 139:23-24).

¹⁰ Referência a Antonio Canova (1757-1822), Marquês de Ischia, escultor, desenhista, pintor, arquiteto e antiquário veneziano (N. do T.).

CAPÍTULO 7

O QUE É CONSAGRAÇÃO?

7-1. PRONTIDÃO PARA ACEITAR A VONTADE DE DEUS

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Romanos 12:1)

A primeira condição de consagração deve ser sempre inteira prontidão para *aceitar a vontade de Deus* para nossas vidas. Não é o suficiente estar disposto a fazer o trabalho cristão. Há muitas pessoas que estão prontas para fazer *certas* coisas no serviço de Cristo, mas que não estão dispostas a fazer *tudo o que* Ele pode querer que elas façam. Muitos de nós temos nossos pequenos projetos de estimação no trabalho cristão, os nossos passatempos agradáveis de serviço para o nosso Mestre, e as coisas que gostamos de fazer. Para estes nos dispomos com entusiasmo, e supomos que estamos completamente consagrados à obra de Cristo, porque estamos tão dispostos a fazer essas coisas.

Mas o coração de consagração não é a devoção *a este* ou *aquele* tipo de serviço a Cristo: é a devoção à *vontade divina*. É a vontade de fazer não o que *nós* queremos fazer no serviço de Cristo, mas o que *Ele* nos dá para fazer. Quando chegarmos a esse estado de espírito, não vamos precisar esperar muito tempo para encontrar o nosso trabalho.

7-2. ESTAR SEMPRE DISPOSTO A FAZER A VONTADE DE DEUS

A próxima condição de consagração, resultante desta, é *firmar nossas vidas diretamente e sempre à disposição de Cristo*. Não só devemos estar dispostos a fazer a Sua vontade, seja qual ela for, mas temos de realmente fazê-lo. Esta é a parte *prática*. No momento em que Cristo quer para qualquer serviço, devemos largar tudo e responder ao Seu chamado. *Nossos planos pequenos* devem ser feitos sempre sob sua ótica, como nele se encaixando, e como parte de Seu plano perfeito para as nossas vidas. Devemos fazer nossos acordos e compromissos com a consciência de que o Mestre pode ter *outro* uso ou trabalho para nós, e em Sua vontade, devemos desistir de *nossos planos* por causa dos Dele.

Estamos aptos a nos irritar com as *interrupções* que atrapalham o nosso trabalho favorito. Prevedemos um dia ininterrupto em alguma ocupação pela qual estimamos, ou talvez um dia de relaxamento que buscamos a fim de obter descanso necessário. Esperamos que nada venha a estragar o *nosso sonho* para esse dia. Mas a primeira hora mal passou e a tranquilidade é quebrada. Alguém faz um apelo e o apelo não é aquele que dá prazer pessoal – talvez seja bom pedir algum serviço o qual não vemos como podemos executar. Pode parecer, no entanto, ainda mais desnecessário e sem propósito que um vizinho venha nos *visitar* por algum tempo, ou alguém sem ocupação chega a *tomar uma hora de tempo* que passa com muito sufoco; ou você está buscando repouso, e vem sobre você um apelo de conselho, simpatia e auxílio, o que só pode ser dado por você mesmo, com muito custo.

Em todos esses casos, a *velha natureza se levanta para protestar*. Nós não queremos ser interrompidos! Queremos ter este dia inteiro para a etapa de *trabalho* que estamos fazendo, o *livro* delicioso que estamos lendo, ou para o pequeno *plano de estimação* que tínhamos feito para ele; ou estamos realmente muito *cansados* e precisamos daquilo que temos planejado, e não parece nosso dever deixar que algo interrompa o nosso silêncio.

Mas você se deu a Cristo esta manhã, e lhe deu o seu dia. Você pediu a Ele para prosperar os *teus* planos, se eles fossem os planos *Dele*; caso contrário, para que você saiba o que Ele tinha para você fazer. Parece claro que os apelos que têm perturbado você possuem alguma ligação com a sua consagração e com a oração da manhã. As pessoas que ligaram: Cristo as enviou a você. Talvez elas precisem de você. Não pode ser um *desânimo* que você deva mudar para regozijo, possivelmente haja um *desespero* que você deva mudar para esperança. Com outro alguém pode ser uma hora da tentação forte, uma crise repentina – e o destino de uma alma imortal pode ser selado em uma conversa com você!

Ou se não houver tal necessidade em quaisquer daqueles que vêm e estragam a sua hora calma, talvez a pessoa possa trazer uma *benção* para você na própria *disciplina* que advém da *interrupção*. Deus quer nos treinar para que a condição de *prontidão para a Sua vontade*, para que nada Ele envie, ou nenhum apelo que Ele faça pelo serviço, jamais nos perturbe ou causar atrito momentâneo, ou murmuração. Muitas vezes é preciso um longo tempo, com muitas lições, para nos trazer a este estado de *preparação para a Sua vontade*.

Uma vez nosso Senhor tomou Seus discípulos à parte para descansar um pouco, pois foram tantas idas e vindas que mal tinha dado tempo para comer; mas assim que eles chegaram ao seu lugar de repouso, as pessoas ansiosas, correndo ao redor da margem do lago, começaram a se reunir com eles, trazendo suas necessidades, suas dores e suas enfermidades¹¹. Cristo não murmurou quando *Seu pequeno plano para descansar* foi, assim, atrapalhado. Ele não se ressentia da vinda das multidões, nem se recusa a recebê-las. Ele não disse para eles que Ele veio a este lugar para um descanso necessário e que deviam desculpá-lo. Ele se esqueceu do cansaço e deu a si mesmo de uma só vez, sem a menor relutância ou resistência, com todo o calor amoroso do seu coração e sinceridade, para servir e ajudar as pessoas que O seguiam, mesmo no cenário mais deselegante – o Seu lugar de descanso.

Temos, a partir do exemplo do nosso Mestre, a nossa lição. Ele pode nos solicitar em nossos lugares de férias com reminiscências de Sua vontade. Ele pode nos chamar para a escuridão e a tempestade, *em missões de misericórdia* depois de termos trabalhado o dia todo, e termos colocado nossos pijamas e nos preparado para uma noite agradável de relaxamento com nossos entes queridos. Ele pode nos acordar de nosso sono por um toque da campainha ou do telefone e nos chamar à meia-noite em algum *ministério de bondade*. Parece que teríamos uma desculpa para não ouvir essas chamadas. Não pareceria ser muito razoável se pudéssemos dizer que estamos exaustos e não déssemos continuidade a esses recados. Há limites para a força humana e para a resistência. Talvez, também, essas pessoas que nos querem não têm apenas a reclamar para nós. Além disso, por que elas não se dirigem a nós numa hora mais cedo, em vez de esperar até esta hora injustificável? Ou por que não vêm *amanhã*? Então estaremos revigorados e fortes e a *tempestade* vai acabar.

Mas, normalmente, nenhuma dessas respostas satisfaz o bastante o espírito da nossa consagração. É a vontade de Deus que toca a nossa campainha e nos chama para fora. Em algum lugar há uma alma que precisa de nós, e não nos atreveremos a fechar os nossos ouvidos. Quando

¹¹ Provável referência a João 6:1-3 (N. do T.).

o menor de Seus pequeninos vem a nós para qualquer ministério de fome para ser alimentado, sedento para receber um copo de água fria, na angústia de ser ajudado, e se recusam a responder ao apelo, isso é negligenciar o próprio Cristo.

Assim a *verdadeira consagração* torna-se muito *prática*. Não há lugar para *belas teorias* que não funcionam, ou *visões esplêndidas* que não vão se tornar mãos e pés em serviço. “Reuniões de dedicação”, com o seu apelo e os seus versículos bíblicos, suas promessas e seus hinos, são muito agradáveis a Deus, se – se – saímos para *provar* nossa sinceridade em *fazer* a Sua vontade.

7-3. HUMILDADE

Outra condição de consagração é a **humildade**. Isso não costuma significar grandes coisas ou serviços ostensivos, senão pequenas coisas humildes para as quais não devemos obter nem louvor nem um obrigado. A maioria de nós deve se contentar em viver vidas *comuns*. Noventa e nove por cento da obra que abençoa o mundo, e que causa a maioria dos avanços no reino de Cristo, deve ser sempre discreta, ao longo das linhas de *deveres comuns*, nos *relacionamentos familiares*, nas *associações pessoais*, na *utilidade para a vizinhança*. A *consagração* deve ser, primeiro, um espírito em nós, um espírito de amor, uma vida em nosso coração, que fluirá a todos, em um desejo de abençoar, ajudar e de fazer melhor.

Thackeray¹² conta que certa pessoa mantinha seu bolso cheio de bolotas: sempre que via um lugar vago em sua propriedade, ele tirava uma e a plantava. Da mesma forma, ele exorta seus leitores a *falar com palavras gentis* conforme eles passem pela vida, sem nunca perder a chance de proferir uma única sequer. “Uma bolota não custa nada, mas pode brotar em um prodigioso pedaço de madeira.” A verdadeira consagração adverte e nos inspira a uma vida de serviço, e é preciso humildade de espírito em muitos de nós para aceitar tal serviço.

Nunca nos faltará *orientação* em encontrar os deveres de nossa consagração, se apenas assim procedermos. Um dia de trabalho leva a outro. Um dever abre o caminho para o outro. Nós nunca temos exibidos *mapas divinos* com *todo* o curso de nossas vidas projetado sobre eles, mas sempre nos será mostrado o *próximo* dever, e em seguida o *próximo*. Se apenas formos obedientes, nunca deveremos chegar num momento em que não podemos saber qual o nosso dever seguinte. Aqueles que seguem a Cristo nunca andarão em trevas.

¹² Referência a William Makepeace Thackeray (1811-1863), novelista inglês (N. do T.).

CAPÍTULO 8

FAZER DA VIDA UMA CANÇÃO

8-1. GENERALIDADES

“Exultem os santos na glória; alegrem-se nas suas camas.”
(Salmos 149:5)

É algo grandioso *escrever uma canção* que perdura. Ter composto um hino como “Rocha Eterna”¹³, ou “Jesus, Amado de Minha Alma”¹⁴, é uma realização maior do que ter construído uma pirâmide. Mas não podemos todos escrever canções. Nós não somos todos poetas, capazes de tecer doces pensamentos em versos rítmicos que irão encantar as almas dos homens. Nós não podemos todos fazer hinos que virão como mensageiros de paz, conforto, alegria ou inspiração para vidas cansadas. Apenas a alguns homens e mulheres em uma geração é dada a língua do poeta.

Mas há uma maneira em que todos nós podemos fazer canções; podemos fazer da nossa própria vida uma canção, se quisermos. Ela não precisa do dom e da arte do poeta para fazer isso, nem exige que sejamos ensinados e formados em faculdades e universidades. O homem mais ignorante pode viver de modo que a música suave exale através de sua vida em todos os seus dias. Ele precisa apenas ser gentil e amoroso. *Toda bela vida é uma canção.*

¹³ Referência ao hino “Rock of Ages, Cleft for Me”, cuja letra é de Augustus Montagne Toplady (1740-1778) e música de Thomas Hastings (1784-1872). Este é o hino de nº 47 da Harpa Cristã (N. do T.).

¹⁴ Referência ao hino “Jesus, Lover of My Soul”, cuja letra é de Charles Wesley (1707-1788) e música de Joseph Parry (1841-1903) (N. do T.).

8-2. BELAS CANÇÕES, APESAR DAS ADVERSIDADES

Há muitas pessoas que vivem em circunstâncias e condições de dureza e dificuldades, e que parecem não fazer música no mundo. Desse modo, suas vidas são absolutamente prosaicas, desprovidas de qualquer sentimento, que não tem lugar para o sentimento entre suas fadigas severas e sob seus pesados fardos. Mesmo as *ternuras em casa* não parecem encontrar nenhuma oportunidade para o crescimento nos dias longos e fatídicos. No entanto, mesmo essas vidas, condenadas à labuta mais difícil e ressequida, podem – e muitas vezes se tornam – canções que ministram bênção para muitos outros.

Certo dia um trabalhador se apresentou para a admissão à igreja. Ele foi questionado sobre qual sermão ou apelo que o levou a dar este passo. “Nenhum sermão, nem palavra de alguém”, ele respondeu, mas um companheiro de trabalho há anos no banco ao lado dele tinha sido tão verdadeiro, tão fiel, tão semelhante a Cristo em seu caráter e conduta, que sua influência tinha levado seu companheiro a Cristo. A vida deste homem, em meio a toda a sua dureza, era uma doce canção de amor.

Um visitante de uma antiga cidade europeia desejava ouvir os maravilhosos sinos que fizeram parte da fama da cidade. Encontrada a igreja, ele subiu na torre, supondo que esta seria a maneira de ouvir a doce música dos sinos. Lá ele encontrou um homem que usava luvas grossas de madeira em suas mãos. Logo este homem se dirigiu a um teclado rude e começou a pressionar as teclas. Houve um terrível barulho da madeira atingindo as chaves, e passando por cima da cabeça havia um estrondo ensurdecedor e um soar entre os sinos como se batessem neles com martelos pesados. Não havia nenhuma música suave. O turista logo fugiu do local, querendo saber por que os homens vieram de tão longe para ouvir este martelar barulhento e esse som tão estridente. Enquanto isso, no entanto, fluuava sobre a cidade dos sinos, partindo da torre, a música mais requintada. Homens que trabalham nos campos ao longe ouviram e pararam para ouvi-lo. Pessoas em suas casas, no seu trabalho e nas ruas ficaram encantadas com a doçura maravilhosa dos ricos acordes do sino que irrompiam sobre suas orelhas.

Há muitas pessoas cujas vidas têm a sua melhor ilustração no trabalho do antigo sineiro de fissura. Elas estão fechadas em estreitas esferas. Elas devem dar toda a sua força para trabalho duro. Elas habitam continuamente em meio ao ruído e barulho dos trabalhos mais comuns. Elas parecem aos seus amigos nada fazer com suas vidas, a não ser bater martelos pesados sobre teclas ruidosas. Elas não fazem música: só um barulho ensurdecedor, na melhor das hipóteses. Elas não sonham que estão fazendo qualquer tipo de música para o mundo. No entanto, o tempo todo, conforme

vivem vidas verdadeiras, pacientes, honestas, altruístas e úteis, elas estão colocando *bom ânimo*, *força* e *alegria* em outros corações. A pequena casa é abençoada por seu amor, as suas necessidades providas pelo seu árduo trabalho. As gerações futuras podem ser melhores e mais felizes por causa de alguma influência ou ministério delas. A partir de tais famílias, muitos dos maiores e melhores homens do mundo têm surgido. Assim, como acontece com os sinos, o estrondo e ressoar que a vida faz para aqueles que estão bem perto se tornam canções suaves, e músicas tranquilas para aqueles que escutam mais ao longe.

8-3. HARMONIA, QUAISQUER QUE SEJAM AS NOTAS OU PALAVRAS

Deus quer que todas as nossas vidas sejam canções. Ele nos dá as *palavras* nos deveres e as experiências de nossas vidas que nos chegam a cada dia, e é de nossa parte transformá-las em *música* através de nossa obediência e submissão. Faz uma grande diferença na música a forma como as notas estão dispostas na partitura. Espalhá-las ao longo das linhas e espaços sem fim faria delas apenas barras de triste discórdia. Elas devem ser colocadas em cima do conjunto de acordo com as regras e os princípios da harmonia, para depois fazer uma bela música.

É fácil estabelecer as notas da vida no conjunto para que elas produzam apenas uma enervante dissonância. Muitas pessoas fazem isso, e o resultado é a insatisfação, infelicidade, desconfiança e preocupação, para si próprios e nas suas relações com os outros, bem como a amargura, a contenda e a disputa. É nosso dever, independentemente das notas que Deus possa nos dar, quaisquer que sejam as palavras que Ele escreva para cantarmos, fazer música harmoniosa. Jesus disse: “A minha *paz* vos dou” (João 14:27). Uma promessa inspirada diz: “E a *paz* de Deus guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus” (Filipenses 4:7). Um conselho celestial é: “E a *paz* de Deus (...) domine em vossos corações” (Colossenses 3:15). Quaisquer que sejam as notas ou as palavras, portanto, a música que cantamos deve ser de *paz*.

A vida perfeitamente santa seria uma música perfeita. Na melhor das hipóteses, enquanto na terra, nossas vidas são imperfeitas em suas harmonias, mas se nós somos discípulos de Cristo, estamos *aprendendo a cantar*, enquanto estamos aqui, e um dia a música vai ser perfeita. Ela cresce aqui em beleza e doçura, assim como aprendemos a fazer a vontade de Deus na terra como é feita no céu.

Só a *mão do Mestre* pode trazer para fora de nossas almas a música que nelas repousa. Um violino está em cima da mesa em silêncio e sem beleza. Alguém o pega e dirige o arco sobre as suas cordas, mas ele produz apenas lamentáveis dissonâncias. Então, um *mestre* vem e o leva, e

ele tira do pequeno instrumento a música mais maravilhosa. Outros homens tocam nossas vidas e tiram delas apenas zunidos; Cristo os toma, e quando Ele coloca os acordes na tonalidade, Ele traz com eles a música de amor, alegria e paz.

Diz-se que uma vez Mendelssohn¹⁵ visitou o grande órgão de Freiburg¹⁶. O antigo zelador recusou-lhe permissão para tocar o instrumento, sem saber quem ele era. Depois de muita persuasão, no entanto, ele concedeu-lhe permissão para tocar algumas notas. Mendelssohn tomou o seu lugar, e logo a música mais maravilhosa foi irrompendo do órgão. O zelador ficou enfeitado. Por fim, ele veio ao lado do grande músico e perguntou seu nome. Aprendendo com isso, ele se sentiu humilhado e se autocondenou, dizendo: “E eu lhe recusei permissão para tocar no meu órgão”. E vem Alguém até nós, que deseja tomar nossas vidas e tocar nelas. Mas Lhe negamos, e nos recusamos a Lhe dar permissão, enquanto que, se apenas nos entregássemos a Ele, Ele tiraria de nossas almas música celestial.

Aconteça o que acontecer, devemos fazer músicas de nossas vidas. Não temos o direito de acrescentar às discórdias do mundo, ou a cantar qualquer coisa a não ser doces acordes aos ouvidos dos outros. Não devemos lançar nenhuma nota de tristeza neste mundo, já tão cheio de tristeza. Devemos acrescentar algo todos os dias para o estoque de felicidade do mundo. Se realmente estamos com Cristo e caminhamos com Ele, não podemos fazer nada além de cantar.

8-4. FAZENDO DA VIDA UM CORAL

“Completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa”. (Filipenses 2:2)

Há algo mais a ser dito sobre *tornar a vida uma canção*. Cada um de nós deve viver assim, fazendo música neste mundo. Isso nós podemos fazer por simples e alegre obediência. Aquele que faz a vontade de Deus fielmente a cada dia torna sua vida uma canção. A música é paz. Não tem nenhuma dissonância gritante, sem ansiedades ou preocupações, sem rebeliões ou dúvidas.

Mas temos de fazer música também *em relação aos outros*. Nós não vivemos sozinhos: vivemos com os outros, nas famílias, nos círculos de amizade, nas comunidades. Uma coisa é um cantor fazer solos e cantar doce-

¹⁵ Referência a Felix Mendelssohn Bartoldy (1809-1847), compositor, pianista e maestro alemão (N. do T.).

¹⁶ Órgão da Catedral de Friburgo (Freiberg), na antiga Saxônia (Sudeste da Alemanha), construído por Gottfried Silbermann (1683-1753) entre 1711 e 1714 (N. do T.).

mente, sinceramente no momento perfeito, em proporção harmoniosa; outra coisa bem diferente é várias pessoas cantarem juntas, em coro ou no coral, em que todas as suas vozes estão em harmonia. É necessário, neste último caso, que todas elas devam ter a *mesma tonalidade*, e que devem cantar cuidadosamente, cada um ouvindo os outros e controlando, reprimindo ou restringindo a sua própria voz, por causa do efeito completo do som como um todo. Se alguém canta de forma independente, fora de sintonia, ou fora do tempo, ele estraga a harmonia do coro. Se alguém canta sem levar em conta as outras vozes, apenas para a exibição dele mesmo, sua própria parte está fora de proporção, e o efeito é a dissonância.

É necessário que não só façamos uma doce música em nossa vida pessoal, mas também que em coros ou corais possamos produzir agradável harmonia. Algumas pessoas são muito boas *sozinhas*, onde nenhuma outra vida entra em contato com a delas, onde elas são inteiramente mestres de si mesmas e elas têm de pensar apenas em si próprias, mas fazem um negócio miserável na vida quando entram em relações com os outros. Nisso eles são egoístas, tirânicas, despóticas e voluntariosas. Eles não vão tolerar sugestão, pedido ou autoridade. Eles não vão firmar qualquer compromisso, não vão ceder em suas próprias opiniões, preferências ou preconceitos, e não vão se submeter a qualquer inconveniente, qualquer sacrifício.

Mas nós não seremos bons cristãos até que aprendamos a viver em harmonia com os outros, como, por exemplo, em família. Um verdadeiro casamento significa o propósito final de duas vidas em unidade de tal modo perfeita que não haverá qualquer dissonância na harmonia musical. Para alcançar isso, cada um deve se doar muito. Deve haver, da parte de ambos, autorrepressão e autorrenúncia. O objetivo de cada um deve ser o que sempre é o objetivo do amor verdadeiro: servir o outro. Somente no amor perfeito, que em última análise é o total autoesquecimento, pode haver uma perfeita harmonia.

Então, quando uma família se desenvolve em casa, é mais difícil ainda manter a música sem dissonância, com os diferentes gostos e preferências individuais que estão dispostos a afirmar-se muitas vezes de forma agressiva. Isso pode ser feito apenas por manter o amor sempre como o motivo dominante. Mas há famílias que nunca aprendem a conviver amorosamente. Muitas vezes, a harmonia é estragada por *um membro* da família que não vai ceder à influência do altruísmo, ou reprimir e negar **a si mesmo** para o bem de todos. Por outro lado, em casas que crescem na proximidade de amor, frequentemente há uma vida que, por sua calma, paciência e paz serena, nada possa perturbar, conduz todos os elementos discordantes da vida familiar em reconciliação, e assim aperfeiçoa a música da casa.

Em todas as relações, a mesma lição deve ser aprendida de alguma forma. Temos de aprender a viver com as pessoas, e viver com eles *do-cemente!* E as pessoas não são todas amáveis e gentis. Muitos deles não estão dispostos a fazer toda a concessão, toda a renúncia ou sacrifício. Devemos cada um fazer a nossa parte se quisermos viver gerando paz com os outros. A ideia de algumas pessoas para a renúncia é de que a outra pessoa deva fazer tudo: isso é o que alguns *maridos despóticos* acham que as esposas devem fazer. Em toda a vida associada, não há a mesma tendência para deixar que a *concessão* ocorra por meio de *outra* pessoa. “Nós nos damos maravilhosamente”, certo homem diz, referindo-se ao seu negócio, ou para algum trabalho associado. “Assim e assim é muito fácil para se conviver. Ele é suave e flexível, e sempre cede a vez. Então eu tenho as coisas do meu jeito, e juntos nos damos muito bem.” Certamente, mas esse não é o caminho cristão. A autorrepressão e a autorrenúncia devem ser *mútuas*. “Amai-vos uns aos outros com amor cordial, preferindo-vos em honra uns aos outros” é a regra de Paulo. Quando cada pessoa em qualquer associação de vida faz isso, buscando a honra e a promoção do outro, não pensando em si mesma, a música fica cheia de harmonia. O essencial no *amor* não está no receber, mas em *dar*, não o desejo de ser ajudado ou honrado, mas de ajudar ou honrar.

Então, não só em nossos *relacionamentos*, mas nas *circunstâncias* também, devemos aprender a fazer da nossa vida um canção. Isso não é difícil quando todas as coisas são do nosso agrado, quando estamos em prosperidade, quando os amigos nos rodeiam, quando o círculo familiar é ininterrupto, quando a saúde está boa, quando não há cruces, e quando as abnegações não são obrigatórias. Mas não é tão fácil quando o fluxo de circunstâncias agradáveis é rudemente interrompido, quando a tristeza vem, quando traços de amarga decepção distanciam as esperanças de anos. No entanto, a fé cristã pode manter a música ininterrupta, mesmo através de tais experiências como estas. A música é alterada; ela se desenvolve *mais maleável*. Seus tons *mais profundos*, trêmulos às vezes, enquanto as lágrimas fluem por meio delas. Elas realmente são *enriquecidas* e se tornam *mais maduras e bonitas*.

Existe a história de um barão alemão que estendia fios de torre para torre de seu castelo, a fim de fazer uma grande harpa eólica. Então ele esperava e escutava a música. Por um tempo o ar esteve parado, e nenhum som foi ouvido. Os fios ficavam pendurados silenciosamente no ar. Depois de um tempo veio uma brisa suave, e depois *notas suaves da música* foram ouvidas. Por fim, os ventos frios invernais sopraram uma tempestade em sua fúria selvagem: em seguida, os fios emitiram uma música majestosa.

Nossas vidas são harpas de Deus, mas muitas delas não dão a sua música mais doce na *calma* do silêncio e nos dias prósperos. É só na *forte tempestade* do julgamento, da adversidade, na dor grave ou perda que a música mais rica e majestosa vem de nossas almas. A maioria de nós tem que aprender nossas melhores e mais valiosas lições no estresse da aflição.

Devemos procurar ter as nossas vidas de modo treinado, de modo disciplinado, para que nenhuma *mudança brusca de circunstâncias* jamais pare nossa música, de modo que, se tocadas hoje no nosso alegre verão, num inverno de pesar amanhã, a canção continue – a canção de fé, amor e paz. Paulo *aprendeu* isso quando ele pôde dizer: “Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade. Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:11-13). Circunstâncias não o afetavam, pois a fonte de sua paz e alegria estava em Cristo.

Como podemos obter essas lições? Há uma antiga lenda de um *instrumento* musical que estava pendurado em uma parede do castelo. As cordas foram rompidas. Ele estava coberto de poeira. Ninguém o conhecia; ninguém poderia colocá-lo em ordem. Mas um dia, um desconhecido chegou ao castelo. Ele viu o instrumento na parede. Descendo-o, ele rapidamente afastou as teias e poeira dele, ternamente repôs as cordas partidas e, em seguida, tocou-o. Os acordes despertaram do longo silêncio sob o seu toque, e o castelo foi preenchido com rica melodia.

Toda vida humana em seu estado não regenerado é como uma harpa, com cordas rompidas, manchada pelo pecado. Ela é capaz de oferecer música maravilhosamente rica e majestosa, mas primeiro ela deve ser restaurada, e a única pessoa que pode fazer isso é o Criador da harpa, o Senhor Jesus Cristo. Somente Ele pode trazer os acordes dissonantes de nossas vidas em sintonia, para que, quando tocadas, deem a lume uma doce melodia. Devemos, portanto, entregar nossos corações a Ele, para que Ele possa repará-los e restaurá-los. Então seremos capazes de fazer música, não em nossas vidas individuais, mas em quaisquer das relações ou circunstâncias com as quais estejamos envolvidos!

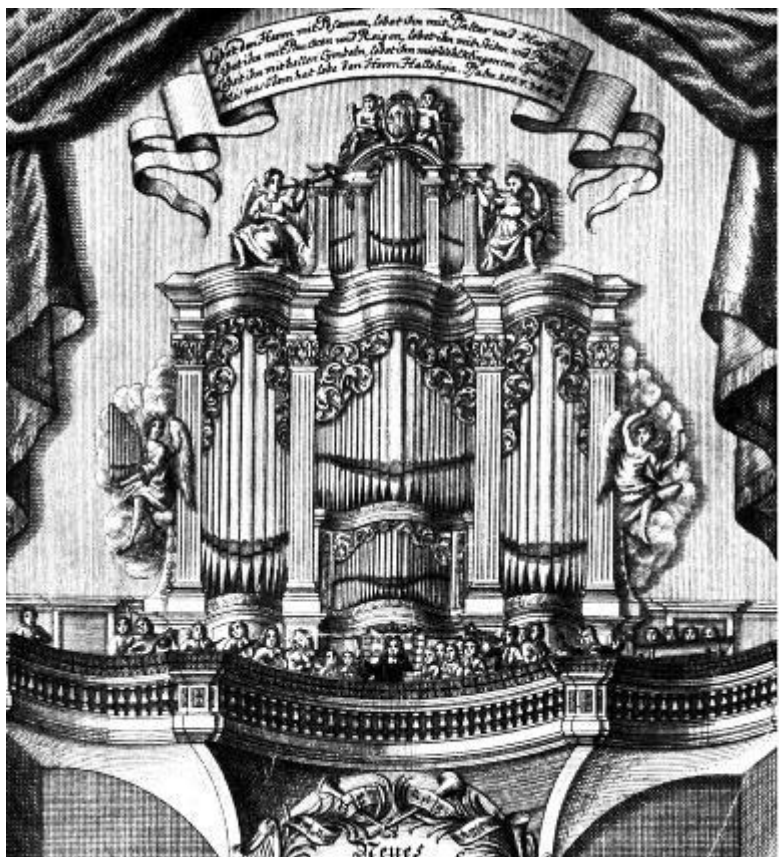


Figura 1. Órgão da Catedral de Friburgo, Alemanha.

CAPÍTULO 9

A BELEZA DO SENHOR

9-1. GENERALIDADES

“E seja sobre nós a formosura do Senhor nosso Deus” (Salmos 90:17)

Quando Charles Kingsley¹⁷ estava morrendo, ele pareceu ter um vislumbre do esplendor celeste para o qual estava indo, e de Deus em Seu brilho e beleza, e exclamou: “Como Deus é lindo!”.

Cada revelação de *Deus* que é feita para nós é uma revelação da *beleza*. Em toda parte na natureza, na *flor* que desabrocha, no *pássaro* que canta, na *gota de orvalho* que brilha, na *estrela* que brilha, no *sol* que arde com esplendor, vemos reflexos da beleza de Deus. “*Tudo fez formoso em seu tempo!*” (Eclesiastes 3:11). Nas Sagradas Escrituras, cada revelação do *caráter* divino apresenta Deus para nós, superando-se em beleza. Cristo era “Deus manifestado na carne” (1 Timóteo 3:16), a beleza do Deus invisível torna visível aos olhos humanos, e de tal beleza arrebatadora nunca antes vista, a não ser numa vida abençoada.

A beleza de Deus é frequentemente mencionada nas Escrituras. Num de seus Salmos, Davi declarou que o supremo desejo do seu coração era o de morar na casa do Senhor todos os dias da sua vida, para contemplar a formosura do Senhor.

Então, na oração de Moisés, temos a petição: “E seja sobre nós a formosura do Senhor nosso Deus”. Esta foi uma oração em que o encanto

¹⁷ Referência a Charles Kingsley (1819-1875), romancista inglês (N. do T.).

da excelência de Deus pôde ser dado ao seu povo, em que a beleza divina pôde brilhar neles, em suas vidas, em suas faces, em suas almas. Pensamos na face do próprio *Moisés*, quando desceu do monte depois que seus quarenta dias em comunhão com Deus. Ele tinha ficado assim por muito tempo envolto na glória divina que o seu próprio corpo era como se estivesse saturado com esse brilho. Ou pensamos em *Estevão*, antes de seu martírio, quando a janela de céu se abriu e um raio da glória do lugar santo caiu sobre ele, irradiando, então, suas características que, mesmo para seus inimigos, elas apareceram como características de um anjo.

9-2. A BELEZA DA ALMA

Há uma *beleza de alma* que faz com que fique radiante o mais simples rosto, e lindas as características mais rústicas; e que brilha como uma estrela neste mundo de pecado. É por esta beleza que somos ensinados a orar: “E seja sobre nós a formosura do Senhor nosso Deus”. Não é a beleza que se desvanece quando a doença fere o corpo, ou a que se perdeu no toque fulminante dos anos, ou que empalidece quando a palidez de morte supera os recursos, mas esta é uma beleza que cresce mais bonita na dor ou sofrimento, que brilha na tristeza como uma estrela na noite, que transfigura as feições enrugadas e desbotadas da velhice e que irrompe em morte na semelhança plena de Cristo!

Toda a vida cristã é bela, à medida que, de forma justa e verdadeiramente, represente a Cristo. Nada na vida espiritual que não seja bonito é uma expressão justa ou adequada do pensamento divino. A santidade de caráter é simplesmente a reprodução da vida humana, à semelhança de Cristo, e qualquer característica que não seja bonita e vencedora, não é verdadeiramente a de Cristo, e, portanto, deturpa Cristo. Não é a própria vida cristã que é desagradável, em qualquer caso, mas a interpretação humana sobre ela na sua disposição e condução.

9-3. QUALIDADES DA BELEZA DO SENHOR NA VIDA HUMANA

Há certas qualidades que pertencem à beleza do Senhor, sempre que aparecem em qualquer vida. Uma delas é a *sede espiritual*. Os olhos voltados para cima e para além das coisas da terra. O coração está firme nas coisas do alto. A aspiração é por *mais santidade*, e encontra expressão em tais anseios como “Mais perto, quero estar, meu Deus, de Ti” e “Mais amor, ó Cristo, a Ti”, e na oração: “E seja sobre nós a formosura do Senhor nosso Deus”.

Uma fé que está satisfeita com quaisquer *realizações comuns*, ou que está sempre satisfeita em tudo, não é uma fé viva. A bênção do Mestre está sobre os que têm fome e sede de justiça. A alma *que anseia* é a alma *sau-*

dável. Anseio espiritual é o grito do coração que Deus escuta e responde sempre com mais e mais de Sua plenitude. Esse desejo é o anjo ascendente que sobe a *escada estrelada* para retornar na mesma escada radiante, sempre com novas bênçãos de Deus. É nada menos que a própria vida de Deus na alma humana, lutando para crescer na plenitude da estatura de Cristo. É o espírito transfigurando em nós, que limpa essas nossas maçantes vidas terrenas e as transforma pouco a pouco na imagem divina.

Mas a beleza do Senhor na vida humana não é *apenas* um desejo celeste. É intensamente *prática*. É mais do que *sentimentalismo religioso*, mais do que um *sentimento devoto*, mais do que a *aspiração santa*. O anseio espiritual verdadeiro dirige consigo a vida toda para o alto. Joana d'Arc¹⁸ disse que sua flâmula branca era tão vitoriosa porque ela seguiu *sozinha*. Devemos ter nossas *aspirações* espirituais, mas devemos *segui-las* por nós mesmos se quisermos tornar nossas vidas bonitas. A verdadeira santidade não faz as pessoas inadequadas para viver bem nesse mundo. Ela tem suas *visões* de Cristo, mas ela os traz para iluminar seu *caminho diário* e se tornar *inspirações para uma bela vida*. Ela tem as suas alegres emoções, mas elas se tornam impulsos para a autonegação e o paciente trabalho para o Mestre.

Um dos primeiros resultados da graça no coração é um viver mais doce, mais gentil, verdadeiro e mais útil, nas relações comuns de toda a vida. Ele faz do homem um vizinho amável, um marido mais atencioso, um pai gentil. Uma *menina* cristã, cuja vida espiritual não faz dela uma melhor filha e uma irmã mais amorosa e paciente, não tem o conceito correto de Cristo. A esposa e mãe mostra a beleza da santidade não só no seu fervor na oração e no trabalho da igreja, mas em sua devoção aos interesses de sua casa. A sra. Prentiss¹⁹ disse: “Uma mãe poder orar com uma criança doente no colo é mais aceitável do que se ela a deixasse *sozinha* e fosse orar por ela”.

Dizia-se de *Francesca*, que, apesar de incansável em suas devoções, se durante suas orações ela fosse chamada por seu marido ou para qualquer dever doméstico, ela fechava o seu livro com alegria, dizendo que uma esposa e uma mãe, quando convocados, devem deixar de servir a Deus no *altar*, para servi-lo em suas *tarefas domésticas*.

A contemplação celeste não deve nos afastar do *dever terreno*. Quando chegarmos ao céu, veremos trabalho celestial para fazer, mas para o presente é nosso dever aqui na terra, e é o melhor cristão aquele que faz

¹⁸ Referência a Joana d'Arc, donzela de Orléans (1412-1431), camponesa e heroína francesa da Guerra dos Cem Anos. A flâmula branca era usada pelo cavaleiro comandante durante a batalha; um cavaleiro que comandasse uma companhia montada portava a flâmula mais larga, e esta era a que Joana d'Arc conduzia em batalha (N. do T.).

¹⁹ Referência a Elizabeth Prentiss (1818-1878), compositora estadunidense de hinos sacros (N. do T.).

isso melhor. Nós não queremos uma vida espiritual que vai nos levantar em um sétimo céu do êxtase, fazendo-nos esquecer dos nossos *deveres* para com aqueles à nossa volta, mas uma vida espiritual que vai trazer Deus para baixo para andar conosco em todos os caminhos duros de trabalho e luta; que vai levar-nos a um ministério amável e paciente do amor.

É o padrão louvar *Maria* e censura *Marta*. Jesus culpou Marta pela *preocupação*, mas não pelo seu *serviço*. É bom se sentar aos pés do Mestre. A piedade que melhor agrada a Cristo é a que espera mais carinho aos seus pés para receber a bênção e força e, em seguida, sair diligente em todos os deveres do amor e da fidelidade.

Outra característica da beleza do Senhor usada por seus filhos na terra é **a pureza** moral. A bênção de Cristo é para os *puros de coração*. A saúde *corporal* é bonita, a capacidade *mental* é bonita, mas a *pureza de coração* é o encanto de tudo. Toda beleza espiritual começa no interior. Para que a beleza do Senhor nosso Deus seja sobre nós, para que o encanto conquistado da beleza de Deus possa brilhar nas características de nossas vidas que os homens podem ver, é preciso primeiro ter a *beleza divina dentro de nós*. Um *coração santo* em tempo próprio vai transfigurar toda a vida. E a única maneira de ter um coração santo é ter Cristo dentro dele!

CAPÍTULO 10

OBTENDO O TOQUE DE CRISTO

10-1. GENERALIDADES

“Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (João 20:21)

Havia um maravilhoso poder no *toque de Cristo* quando Ele esteve na Terra. Onde quer que Ele colocasse a mão, Ele deixava uma bênção. *Virtude* saía Dele cada vez que ele tocou o doente, o triste e o cansado, dando sempre saúde, conforto e paz. Essa mão, glorificada, agora tem fechada em si as sete estrelas. No entanto, há um sentido em que o toque abençoado de Cristo é sentido ainda na terra. Ele é tão verdadeiro no mundo de hoje como ele o foi quando Ele percorreu a Judeia e a Galileia, em forma humana! Ele é com cada um de Seu povo. Sua promessa de despedida foi: “Eu estou convosco *todos os dias*.” (Mateus 28:20).

A mão de Cristo ainda é colocada sobre os cansados, os sofredores, os aflitos, e apesar de sua *pressão* não ser sentida, o seu *poder de* abençoar é o mesmo como nos dias antigos. Ela é colocada sobre os *enfermos*, quando preciosas palavras celestiais de ânimo e encorajamento das Escrituras são lidas em seu leito, dando-lhes doce paciência para acalmar seus medos. Ela é colocada sobre os *tristes*, quando as consolações do amor divino vêm para seus corações abençoados com conforto, dando-lhes força para submeter à vontade de Deus e se alegrar em meio a julgamento. Ela é colocada sobre o *fraco e cansado*, quando a graça de Cristo vem a eles com a sua santa paz, acalma o tumulto selvagem e dá calmo descanso à alma.

10-2. REPRESENTANTES DE CRISTO

Há outra maneira em que a mão de Cristo é colocada sobre vidas humanas. Ele envia os seus discípulos ao mundo para *representá-Lo*. “Como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (João 20:21) é a Sua própria palavra. Claro que a melhor e mais santa vida cristã só pode ser a mais obtusa e mais fraca reprodução da vida rica, plena e abençoada de Cristo. No entanto, é desta forma, através destes *vasos de barro*, que Ele destinou para salvar o mundo e para curar, ajudar, confortar, levantar e construir homens.

Talvez, pensando no que Deus faz para o mundo, estamos muito inclinados a ignorar os *instrumentos humanos* e pensar Nele como quem toca a vida direta e imediatamente. Um amigo nosso está em tristeza, e vamos de joelhos oramos a Deus para enviar conforto. Mas não poderia ser assim, que Ele enviasse o conforto através de nossos próprios corações e lábios? Alguém que amamos não está indo bem, está se afastando da vida cristã, está em perigo de se perder. Na angústia do coração clamamos a Deus, rogando-lhe que pusesse a mão sobre a vida em perigo e a resgatasse. Mas não poderia ser assim, que seria nossa a mão a ser estendida em amor, e colocasse o nome de Cristo sobre a vida que está em perigo?

É certo, pelo menos, que cada um de nós, que conhece o amor de Cristo, é ordenado a ser como Cristo aos outros – isto é, a mostrar-lhes o espírito de Cristo, a paciência, gentileza, atenção, amor e o anseio de Cristo. Somos ensinados a dizer “Cristo vive em mim”. Se isso é verdade, Cristo ama os outros através de nós e nosso toque deve ser para os outros, como o próprio toque de Cristo. Todo cristão deveria ser, em certa medida humana, a *nova encarnação de Cristo*, pelo que as pessoas dirão: “Ele interpreta Cristo para mim. Ele me conforta em minha tristeza como o próprio Cristo o faria se viesse e se sentasse ao meu lado, e é tão útil e paciente como Cristo seria se Ele voltasse e me aceitasse como discípulo”.

10-3. A MENTE DE CRISTO NO CUIDADO COM O PRÓXIMO

Mas antes que possamos estar no lugar de Cristo entristecidos, sofrendo e em dificuldades, devemos ter, em nós, a mente que estava nele. Quando Paulo disse: “O amor de Cristo nos constrange” (2 Coríntios 5:14), ele quis dizer que ele tinha o mesmo amor de Cristo nele, o amor que *amou* até o mais desagradável, que *ajudou* até mesmo o mais indigno, que era *gentil* e carinhoso mesmo para o mais repugnante. Nós nunca estamos prontos para fazer o bem no mundo, em um sentido real, ou em qualquer grande medida, até que nos tornemos, assim, preenchidos com o espírito de Cristo.

Podemos tentar ajudar as pessoas de alguma maneira, sem amá-las. Podemos lhes proporcionar serviços de algum tipo, beneficiando-as externamente ou temporariamente. Podemos colocar presentes em suas mãos, construir-lhes casas, comprar roupas para elas, levar-lhes comida, ou melhorar as suas circunstâncias e condições. Dessa maneira, podemos fazer muitas coisas para eles, sem ter qualquer *amor sincero* em nossos corações para elas. Isso não é nada melhor do que a *filantropia comum*, mas a ajuda maior e mais real que lhes podemos dar é somente através de amá-las.

Há uma história comovente e muito ilustrativa de uma mulher bondosa na Suécia, que abriu uma casa para crianças aleijadas e doentes – crianças as quais ninguém estava preparado para cuidar. Eventualmente, ela recebia em sua casa cerca de vinte desses infelizes pequeninos. Entre eles estava um menino de três anos, que era um dos seres mais assustadores e desagradáveis. Ele parecia um esqueleto. Sua pele estava coberta de manchas e feridas horríveis. Ele estava sempre lamentando e chorando. Este coitadinho requereu da boa senhora mais cuidados e deu mais problemas que todos os outros juntos. Ela fez o melhor para ele. Mas a criança era tão *repulsiva* em seus olhares e formas, que, por mais que tentasse, ela não conseguia *gostar* dele, e muitas vezes seu *desgosto* iria se mostrar em seu rosto, apesar de seu esforço para escondê-lo. Ela não podia realmente *amar* a criança.

Um dia, ela estava sentada nos degraus da varanda com esta criança em seus braços. O sol estava brilhando e o perfume das madressilvas de outono, o chilrear dos pássaros e o zumbido dos insetos, embalavam-na em uma espécie de sono. Então, durante uma vigília, num certo estágio de sono, ela pensou em si mesma como tendo trocado de lugares com a criança, e como se ali estivesse, só que mais suja e mais repugnante do que ele.

Sobre si, ela viu o Senhor Jesus flexionado, olhando carinhosamente para o rosto dela, mas com uma expressão de suave repreensão nos olhos, como se quisesse dizer: “Se eu posso ter com você, que é tão cheia de pecado, certamente você deveria, por minha causa, amar aquela pobre criança que sofre”.

Ela acordou com um susto repentino, e olhou para o rosto do menino. Ele tinha despertado também, e ele olhou seriamente para o rosto dela. Arrependida pela repulsa do passado, e sentindo em seu coração uma nova compaixão por ele, um novo amor surgiu em seu peito para com ele, ela se inclinou o rosto para ele e beijou-o tão ternamente como ela nunca tinha beijado um bebê dela própria. Com um olhar assustado em seus olhos, e um rubor no rosto, o menino deu-lhe de volta um sorriso tão doce que ela nunca tinha visto um assim antes. A partir desse momento, uma mudança maravilhosa veio da criança. Ele entendeu o novo amor que tinha

vindo, em vez de antipatia e aversão, no coração da mulher. Esse toque de amor humano transformou sua rabugenta e irritável natureza num silêncio suave, de beleza. A mulher tinha tido uma visão de si mesma nesse manchada, repulsiva criança e do maravilhoso amor de Cristo por ela, apesar de sua pecaminosidade. Sob a inspiração dessa visão, ela se tornou, de fato, *Cristo* para a criança. O amor de Cristo havia entrado em seu coração.

Cristo ama o feio, o repugnante, o deformado, o leproso. Nós só temos que pensar em nós mesmos como somos aos Seus olhos, e, em seguida, lembrar-nos de que, apesar de toda a nossa repugnância moral e espiritual, Ele ainda nos ama, não se retrai por nós, põe a mão sobre nós para nos curar. Esta mulher cristã tinha tido uma visão de si mesma, e de Cristo a amando por condescendência para abençoá-la e salvá-la; agora ela estava pronta para *ser Cristo*, para mostrar o espírito de Cristo, para ser o amor de Cristo a esta pobre criança repugnante reclinada sobre seu joelho.

Ela tinha conseguido o “*toque de Cristo*”, obtendo o *amor* de Cristo em seu coração. E podemos fazê-lo de outra maneira. Nós devemos ver a nós mesmos como servos de Cristo, e a ser para os outros aquele que Ele é para nós. Então vamos vê-lo habilitado a abençoar todas as vidas que nossas vidas tocam. Nossas *palavras* devem pulsar com o amor, e vão encontrar seu caminho para os corações dos cansados e dos tristes. Haverá uma emoção simpática em nossas *vidas*, o que dará um estranho poder de utilidade para tudo o que fazemos. Em todos os lugares ao nosso redor, há vidas que, com o toque do nosso lado, no calor de amor, em nome de Cristo, seriam maravilhosamente abençoadas.

Alguém contou ter entrado na loja de um joalheiro para olhar certas pedras preciosas. Entre outras pedras, foi mostrado um *opala*. Como ele estava lá, no entanto, parecia sem graça e totalmente sem brilho. Em seguida, o joalheiro pegou em sua mão e segurou-a por alguns momentos, e mais uma vez mostrou a sua cliente. Agora brilhou e reluziu com todas as glórias do arco-íris. É necessário o toque e o calor de uma mão humana para trazer a sua iridescência. Há vidas humanas em todos os lugares ao nosso redor, que são ricas em suas possibilidades de beleza e glória. Não há pedras ou joias que sejam tão preciosas, mas, conforme possamos as ver, elas são sem graça e sem lustro, sem brilho. Talvez elas estejam, de fato, cobertas com manchas, e contaminadas pelo pecado; no entanto, elas precisam apenas do *toque da mão de Cristo* para trazer o brilho, a amabilidade, a beleza da imagem de Deus em si. E você e eu devemos ser a mão de Cristo a essas vidas sem brilho ou manchadas!

CAPÍTULO 11

A BÊNÇÃO DA FRAQUEZA

11-1. GENERALIDADES

“E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte”
(2 Coríntios 12:9-10)

Nós não estamos acostumados a pensar na *fraqueza* como uma condição de bênção. Gostaríamos de dizer: “Bem-aventurada é a *força*. Abençoados são os fortes.” Mas as bem-aventuranças bíblicas são geralmente o inverso do que a natureza diria. “Bem-aventurados os mansos.” “Bem-aventurados sois quando vos injuriarem.” A *lei da cruz* encontra-se profundamente na vida espiritual. É pela crucificação da carne, para que o espírito cresce em beleza. Então, “Bem-aventurados os fracos, pois terão a força de Deus”, é uma verdadeira bem-aventurança bíblica, apesar de essas palavras não serem encontradas na Bíblia.

11-2. FRAQUEZA COMO MEIO DE CUIDADO DE DEUS

A fraqueza é abençoada, pois ela nos garante mais da simpatia e ajuda de Cristo. A fraqueza sempre apela para um coração gentil. Vemos exemplos desta verdade em nossa vida humana comum. O que pode ser

mais fraco e indefeso que a cegueira? Havia uma criança cega em uma casa. Sua condição parece lamentável. Ela tateia nas trevas. Ela desconhece os perigos que podem lhe afligir, e não pode se proteger de qualquer mal que lhe ameace. As janelas através das quais os outros veem o mundo a ela estão fechadas, e ela está envolta na escuridão. Ela é quase totalmente desamparada; no entanto, sua própria fraqueza é sua força. Ele atrai para si o melhor amor e ajuda de toda a família. O coração da mãe não tem esse pensamento terno para qualquer das outras crianças, como para a menina cega. O pai a carrega continuamente em seu carinho e está sempre fazendo coisas gentis para ela. Irmãos e irmãs se esforçam de todas as formas para suprir a sua falta. O resultado é que nenhum outro membro da família está abrigado de forma segura como ela está, e que ninguém é metade tão forte. Seu muito *desamparo* é o segredo de sua *força*. Seus olhos fechados, as mãos estendidas e os pés vacilantes, apelam irresistivelmente a todos os que a amam, inspirando-os a uma maior reflexão e utilidade para ela do que qualquer outra pessoa na casa.

Isto ilustra também o pensamento especial de Deus e de seu cuidado para com os fracos. Todas as melhores coisas da vida humana são realmente alusões e brilho da vida divina. O coração de Cristo sai do interesse peculiar para os fracos. Paulo poderia se dar ao luxo de manter seu “espinho”, com sua fraqueza sobrecarregada, porque isso fez muito mais pelo objeto de simpatia e ajuda divinas. Então, a fraqueza sempre faz um forte apelo à compaixão divina. Pensamos no sofrimento ou na debilidade como um infortúnio. Não é de todo assim, no entanto, se isso nos faz mais prezado e nos traz mais perto do coração de Cristo. Bem-aventurada é a fraqueza, pois atrai para si a força de Deus!

11-3. FRAQUEZA COMO MEIO DE BÊNÇÃO DE DEUS

A fraqueza é abençoada, também, porque ele salva do perigo espiritual. Paulo nos diz que seu “espinho” foi dado a ele para mantê-lo humilde. Sem ele, teria sido exaltado demais e perdido sua espiritualidade. Nós não sabemos o quão profundo era o seu conhecimento sobre as coisas de Deus, e seu poder em serviço para seu Mestre, que Paulo devia a esse “espinho” torturante. Parecia impedi-lo e lhe causou sofrimento incessante, mas deteve-o no profundo vale da humildade, fê-lo sempre consciente de sua própria fraqueza e insuficiência, e, assim, manteve-se perto de Cristo, cuja habitação está com os humildes.

A história espiritual está cheia de casos semelhantes. Muitos dos mais nobres servos de Deus têm carregado “espinhos” na carne todos os dias, mas enquanto isso eles têm tido bênçãos espirituais e de enriquecimento que nunca teriam tido, se os seus gritos de socorro tivessem sido

atendidos. Nós não sabemos o quanto devemos aos sofrimentos daqueles que vieram antes de nós. A *prosperidade* não enriqueceu tanto o mundo quanto a *adversidade* o tem feito. Os melhores pensamentos, as lições mais ricas de vida, as canções mais doces que vêm até nós do passado, não vieram de vidas que não conheceram privação ou adversidade alguma, mas são os frutos da dor, da fraqueza, do julgamento. Os homens clamaram pela emancipação da escravidão do sofrimento, da doença, da enfermidade, da necessidade autonegada, não sabendo que a única coisa que parecia estar lhes prejudicando em sua carreira foi o de fazer de tudo o que era nobre, bonito, e abençoado em sua vida.

Há poucas pessoas que não têm algum “espinho” irritante em sua carne. Em alguém é uma enfermidade de fala, em outro uma enfermidade de visão, em outro uma enfermidade de audição. Ou pode ser claudicação, ou uma doença lenta, mas incurável, timidez constitucional ou nervosismo excessivo, uma desfiguradora deformidade corporal, ou uma enfermidade de temperamento. Ou pode ser na casa alguém, que é fria, sem amor e desagradável; pode ocorrer na vida de alguém uma tristeza ou fracasso moral; ou pode ser uma decepção pessoal amarga através da amizade falsa ou do amor não correspondido. Quem não tem o seu “espinho”?

Nunca devemos nos esquecer de que, em certo sentido, o nosso “espinho” é um “mensageiro de Satanás”, que quer, por meio dele, ferir a nossa vida, para estragar a nossa paz, para estragar a beleza divina em nós, e para quebrar nossa comunhão com Cristo. Por outro lado, no entanto, o próprio Cristo tem um projeto de amor em nosso “espinho”. Ele quer que este seja uma bênção para nós. Ele teria que nos manter humildes e nos salvar de nos tornarmos inúteis, ou isso significa amolecer nossos corações e nos tornar mais gentis. Ele mantém coisas não congênitas em nosso ambiente para nos disciplinar para a mentalidade celestial, dá-nos um maior autocontrole, ajuda-nos a manter nossos corações em amor e doçura em meio à aspereza e à falta de amor. Ele mantém nossa dor para nos ensinar a ter resistência e paciência, e nossa tristeza e perda para nos ensinar a ter fé.

Ou seja, o nosso “espinho” tanto pode ser uma bênção para nós, quanto pode nos causar danos irreparáveis: isso dependerá de nós mesmos. Se permitirmos que ele nos preocupe, se nos irritarmos, resistirmos e nos queixarmos, se perdermos a fé e perdermos o coração, isso vai estragar nossa vida; mas, se aceitarmos pela fé de que em seu fardo feio ele tenha uma bênção para nós, se perseverarmos com paciência e submissão, sem murmurar, se buscarmos a graça de manter o nosso coração gentil e verdadeiro em meio a todo o processo, a tentação e o sofrimento fará com que ele trabalhe bem, e da sua amargura virá fruto doce. A responsabilidade é nossa, e nós devemos, assim, conviver com o nosso “es-

pinho” e com Cristo, para que o crescimento e a bondade, não o prejuízo e o dano, venham até nós a partir dele. Essa fraqueza é abençoada somente se conseguirmos a vitória sobre ela, mediante a fé em Cristo.

“E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte” (2 Coríntios 12:9-10). Há uma bênção na fraqueza, também, porque isso alimenta a dependência de Deus. Quando somos fortes, ou nos julgamos fortes, estamos muito fracos, uma vez que confiamos em nós mesmos e não procuramos ajuda divina. Mas quando estamos conscientemente fracos, sabendo de nós mesmos como desiguais diante dos nossos deveres e lutas, somos fortes, porque então nos voltamos a Deus e obtemos a sua força.

Muitas pessoas pensam que a sua fraqueza é uma barreira para a sua utilidade, ou a tornam uma desculpa para fazer pouco com a sua vida. Em vez disso, no entanto, se a dermos a Cristo, ele vai transformá-la em força. Ele diz que seu poder se aperfeiçoa na fraqueza, ou seja, o que está faltando na força humana que enche e faz as pazes com a força divina. Paulo aprendeu isso quando ele disse que agora se gloriava em suas fraquezas, porque por causa delas a força de Cristo repousava sobre ele, de modo que, quando ele estava fraco, então era forte – forte com a força divina.

As pessoas que fizeram o bem maior do mundo, que deixaram a mais profunda, a impressão mais duradoura sobre a vida dos outros, não têm sido aquelas que o mundo chama fortes. Muito do melhor trabalho do mundo tem sido feito pelos fracos, por aqueles com vidas quebradas. Homens bem sucedidos acumularam grandes fortunas, estabeleceram grandes empresas, ou ganharam aplausos de alguma forma material, mas a influência real que tornou o mundo melhor, que enriqueceu vidas, ensinou aos homens as lições de amor, e suavizou as molas da sociedade, veio, em grande parte, não do forte, mas a partir dos fracos.

Eu andava sobre uma pradaria e o ar estava cheio de aroma delicioso. No entanto, eu não podia ver flores. Havia grama alta se movendo por todos os lados, mas a fragrância não vinha da grama. Então, eu separei a grama, olhei para baixo, e ali, perto da terra, escondida fora da vista pelos viçosos crescimentos na pradaria, uma multidão de pequenas e humildes flores. Eu tinha encontrado o segredo da doçura, derramado destas flores humildes escondidas. Este é um retrato do que é verdadeiro em toda a vida. Não do grande, do visível, do famoso em qualquer comunidade, vem a fragrância que mais torna doce o ar, mas de vidas humildes, escondidas, obscuras, desconsideradas, que dão o aroma do altruísmo, da bondade, da gentileza. Em muitas casas, é a partir do quarto de um inválido,

um sofredor, que a doçura vem e enche toda a casa. Sabemos que é a partir da cruz de Cristo que a influência da santificação que fluiu por todos esses séculos tem *aperfeiçoado, enriquecido e suavizado* a vida do mundo. Por isso, é sempre da fraqueza e do sofrimento, de vidas despedaçadas e quebradas, que vem a bênção que renova e cura o mundo.

“A cura do mundo está em seus santos anônimos”.

11-4. CONVERTENDO A FRAQUEZA EM FORÇA

Nós só precisamos ter certeza de uma coisa: de que nós, de fato, trazemos a nossa fraqueza para Cristo e nos inclinamos a ele com uma fé simples. Este é o elo vital para conseguir a bênção. A própria fraqueza é um fardo: são cadeias sobre nossos membros. Se tentarmos carregá-lo sozinho, nós apenas falharemos, mas se o colocarmos no forte Filho de Deus e o deixarmos carregar a nós e ao nosso fardo, prosseguindo calma e firmemente no caminho do dever, Ele vai fazer da nossa própria fraqueza uma fonte secreta de força. Ele não vai levar a fraqueza de nós – esta não é a sua promessa – mas ele vai preenchê-la com seu próprio poder que nos deve tornar fortes, mais do que vencedores, capazes de fazer todas as coisas em Cristo que nos fortalece!

Este é o segredo abençoado de ter a nossa pesada fraqueza transformada em força. O segredo só pode ser encontrado em Cristo, e Nele isso pode ser encontrado por todo discípulo humilde e confiante.

Não devemos nos permitir ser derrotados na vida. É privilégio e dever de cada crente em Cristo viver vitoriosamente. Nenhum homem jamais poderá chegar a um nobre caráter cristão sem o inflamado custo da dor e do sacrifício. Tudo o que é belo e digno na vida deve ser vencido através da luta. As coroas não são colocadas sobre as cabeças dos homens através do capricho ou favorecimento de qualquer rei, pois elas são a recompensa da conquista vitoriosa. Nós podemos fazer a vida fácil de certa forma se nós fugirmos às suas batalhas ou ao nos recusarmos a lidar com seus antagonismos, mas desta forma jamais poderemos fazer qualquer coisa *bela e digna* de nossa vida. Podemos nos manter ao longo da costa com o nosso barco, jamais o levando a águas profundas; no entanto, nunca descobriremos novos mundos, nem aprenderemos o segredo do mar. Podemos nos poupar do serviço caro e de grandes sacrifícios, salvando nossa própria vida de dificuldades, riscos e dor, mas vamos perder a bênção que só pode vir através de *perder a si mesmo*. “Sem cruz, sem coroa” é a lei da realização espiritual.

*“Quem nunca teve um conflito jamais terá a palma de um vencedor;
Só os trabalhadores conhecem a doçura do descanso e da calma”.*

11-5. GARANTIAS DE AUXÍLIO EM MEIO ÀS FRAQUEZAS

11-5-1. GENERALIDADES

Deus, portanto, realmente nos honra quando ele nos coloca em lugares onde devemos lutar. Ele é quem nos dá uma oportunidade de ganhar as melhores honras e as mais ricas bênçãos. No entanto, ele nunca faz da vida algo tão difícil para nós, em qualquer circunstância, de modo que não podemos viver vitoriosamente com a ajuda que ele está pronto a dar.

11-5-2. AUXÍLIO EM MEIO ÀS TENTAÇÕES

Esta lição se aplica à **tentação**. Nenhum de nós pode deixar de ser tentado, mas nunca precisamos *falhar* ou *cair* nela. Jamais foi como um filho de Deus num conflito terrível qualquer com o Maligno, em que não foi possível para ele superar. Há uma palavra maravilhosa em uma das epístolas de Paulo, que devemos gravar com *letras de ouro* nas paredes da nossa câmara interior: “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar²⁰”.

Estas são garantias sublimes. Não é necessário dizer sempre: “Eu *não posso* suportar esta tentação, *devo ceder e cair*.” Isso jamais é verdadeiro. Precisamos nunca falhar. Cristo enfrentou as tentações mais dolorosas, mas ele sempre saiu vitorioso, e agora esse Cristo julgado e conquistador de tudo está ao nosso lado para nos ajudar a suportar as tentações, e não podemos falhar quando ele está conosco. É possível, também, para nós, tanto suportar as tentações quanto transformá-las em bênçãos. Um pecado conquistado torna-se uma nova força em nossa vida. Somos mais fortes porque a cada conquista nos dá um novo espírito de vida; a força que derrotamos agora se torna parte de nosso próprio poder.

11-5-3. AUXÍLIO PARA O CONTROLE DA LÍNGUA

Vitória sobre a língua é uma das conquistas mais difíceis da vida. As palavras de Tiago são fiéis à experiência comum quando ele diz que a língua é mais difícil de domar do que qualquer tipo de animal, aves, répteis ou coisas do mar; na verdade, que nenhum homem pode domá-lo. No entanto, ele não diz que não precisamos tentar domar a nossa língua. Por outro lado, ele nos aconselha a ser lento para falar e tardio para se

²⁰ Referência a 1 Coríntios 10:13 (N. do T.).

irar. Um cristão deve aprender a controlar seu discurso. A capacidade para o mal em palavras de raiva é terrível. Nenhuma oração deve ser mais frequente em nossos lábios do que o antigo salmo, “Põe, ó Senhor, uma guarda à minha boca; guarda a porta dos meus lábios²¹”.

A palavra precipitada em um momento descontrolado pode deixar um ferimento doloroso e aflitivo em um coração gentil, podem estragar uma doce amizade, pode estabelecer uma vida inocente sobre uma carreira do mal. Além disso, a dor de quem fala palavras sem controle é um pouco menos sentida. A dor que rapidamente se segue à sua palavra é a terrível pena para o pecado. Frequentemente há um custo, também, no resultado, que é incalculável. Vidas foram postas em trevas pelo seu próximo por palavras que caíram por uma única faísca de lábios desbloqueados! Moisés não foi o único homem excluído de uma terra da promessa em razão de uma palavra desavisada. É melhor sofrer injustamente em silêncio do que correr o risco de falar na emoção da raiva.

Alguém escreveu: “Uma única palavra falada sob a influência da paixão, falada de modo temerário ou impensado, pode revelar-se uma fonte de dor permanente e de arrependimento. Mas o sofrimento de um ato de injustiça, de erro ou de crueldade, num espírito de mansidão e paciência, não nos torna infelizes. A lembrança de uma palavra pecaminosa ou mesmo precipitada não raro é a causa de mortificação muito profunda. A reflexão de que nossas palavras manifestam uma fraqueza, senão uma falta de equilíbrio moral e espiritual, humilha a nós mesmos. É uma ferida para a nossa autoestima, e a consciência de que o arrependimento é inútil agora, acrescenta um tormento para a dor. Mas a sensação de que em nosso exercício da mansidão e paciência inspirado no amor de Cristo, que foi mais longe do que fomos obrigados a ir, não é muitas vezes uma causa de aflição. Numa revisão do ato, não sentimos que prejudicamos a nós mesmos fazendo um sacrifício muito grande, ou que o nosso fracasso em ressentir-se da lesão e tentar a retaliação foi um erro. A razão e a consciência do erro aprovam o caminho tomado, e isso é uma fonte de satisfação e conforto”.

11-5-4. AUXÍLIO EM MEIO ÀS CIRCUNSTÂNCIAS DIFÍCEIS

A lição também se aplica a tudo o que torna a vida difícil em nosso ambiente. Às vezes nos encontramos em lugares e condições de vida em que parece impossível para nós crescer em força e beleza de caráter. Isto é verdade para muitos jovens, nas circunstâncias em que nascemos e em que devemos crescer. Eles veem sobre si as *limitações da pobreza*. Eles não podem obter a educação que lhes pareça necessária a prepará-los

²¹ Referência a Salmos 141:3 (N. do T.).

para qualquer coisa melhor do que a mais comum das carreiras. Eles invejam outros jovens que têm muito melhores oportunidades. Mas estas limitações, que parecem tornar impossíveis as agradáveis realizações, frequentemente provam ser as próprias bênçãos por meio das quais a nobreza é atingida. *Dificuldade precoce* é a melhor escola para treinar os homens. Não muitos os que ascenderam ao melhor e mais verdadeiro sucesso começaram em lugares fáceis.

Às vezes é a *falta de saúde* que parece tornar impossível viver grandiosamente, pelo menos para fazer muita coisa no mundo. Mas esta não é uma barreira insuperável. Muitas pessoas que foram inválidas por toda a sua vida têm crescido em rara doçura de espírito, vivido no mundo de forma a torná-lo melhor, e a deixar influências da bênção atrás de si mesmas quando forem embora. Muitos inválidos fizeram de um quarto apertado e de uma *câmara de dor* o centro de uma vida celeste, cujas bênçãos têm ido muito longe. Pelo menos, não há nenhuma condição de saúde em que não se possa viver vitoriosamente no espírito da pessoa, se não for possível fisicamente. Uma pessoa pode ser corajosa, alegre, aceitando suas limitações, louvando a Deus na doença e na dor, sempre segura de que aquilo que Deus quer é o melhor, e de que quem canta sua pequena canção de alegria e louvor em sua prisão está agradando a Deus e abençoando o mundo.

Às vezes, o que torna a vida mais difícil é o próprio *temperamento* de alguém. As paixões são fortes; o temperamento parece incontrollável; os afetos são amargurados, de modo que a mansidão e a gentileza parecem ser impossíveis; ou a alienação azedou de tal modo que alguém acha difícil ser carinhoso e doce. A culpa pode estar em sua formação inicial, ou o temperamento infeliz pode ser inerente. Nenhum de nós veio ao mundo como santo, e frequentemente há tendências em sua casa desde a infância, ou num dos primeiros anos de vida que dão o *viés* errado à vida. Poucos anos depois, alguém acorda para notar a natureza deformada e distorcida, com os elementos desagradáveis proeminentes e dominantes.

Alguém deve, necessariamente, passar por essa vida até o fim prejudicado assim, com uma disposição deteriorada, explosiva, com apetites e paixões incontrolláveis? Nem um pouco. Em todas essas coisas podemos ser “mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou.” A graça de Cristo pode tomar a vida mais desagradável e transformá-la em beleza. A piedade não é impossível a ninguém, onde a graça de Deus possa trabalhar livre e completamente.

Muitas pessoas encontram em seus próprios lares o maior obstáculo no caminho de se tornarem belas e gentis na vida. O lar deveria ser o melhor lugar do mundo para crescer em Cristo. Lá todas as influências deveriam ser inspiradoras e úteis. Deveria ser fácil ser doce na sacralidade do lar. Nele, tudo de bom deveria encontrar encorajamento e estímulo.

Todo o treinamento no lar deveria ser no sentido de “tudo o que é belo.” *O lar deveria ser a melhor escola da vida.* O que a estufa é para a pequena planta ou flor que encontra o calor, bom solo e cultivo tranquilo, crescendo em doce *encanto*, o lar deveria ser para a jovem vida que nasce e cresce dentro de suas portas. Mas nem todos os lares a vida é ideal. Em nem todos os lares é fácil viver doce e lindamente. Às vezes, o ambiente é hostil, frio, triste, arrepiante. É difícil manter tranquilo e gentil o coração na amargura que se arrasta pela vida dentro do lar.

Mas não importa o quão triste um lar possa falhar em seu amor e utilidade, o quanto possa haver nele de nitidez e amargura: a missão de um cristão é ser sempre doce, para tentar superar a dureza, para viver vitoriosamente. Isto é possível, também, através da ajuda de Cristo.

Estes são apenas exemplos desta lição. Muitos de nós nos encontramos em *condições nada amigáveis* em que devemos ficar por pelo menos um tempo. Mas, quaisquer que sejam as circunstâncias, podemos viver cristãmente. Deus nunca vai nos permitir ser colocados em qualquer local em que, através da ajuda de sua graça, não possamos ser cristãos piedosos e formosos. *Limitações*, se justamente usadas, só ajudam a tornar nossa vida mais sóbria e mais formosa. Um escritor chama a atenção para o fato de que cada corda instrumental é musical por estar amarrada em ambas as extremidades e que deve vibrar em distância limitada. Corte a corda, deixe-a voar solta, e ela não dará mais notas musicais. Sua musicalidade depende de suas limitações. Assim é com muitas vidas humanas: tornam-se capazes de dar as notas doces só quando obrigadas a se mover contidas. A própria dureza, em sua condição, é aquela que traz à tona as melhores qualidades em si mesmas, e produz os melhores resultados no caráter e realização.

Esta lição também se aplica às experiências de infortúnio, adversidade ou tristeza. Paulo fala de si mesmo em certo lugar como “triste, mas sempre alegre”. Sua *vida* não podia ser esmagada, a sua *alegria* não podia ser extinta, suas *canções* não podiam ser abafadas. Nós todos devemos ser julgados de alguma forma, mas uma necessidade nunca deve ser dominada por isso. No entanto, é muito importante que devamos aprender a passar por nossa tristeza como cristãos. Será que a enfrentamos vitoriosos? Não podemos deixar de chorar: Jesus chorou e as lágrimas são sagradas quando o amor por nossos amigos e o amor por Cristo se misturam nelas. Mas as lágrimas não devem ser rebeldes: “que a Tua vontade seja feita” deve respirar através de todos os nossos soluços e choros, como a melodia de uma doce música em uma escura noite de tempestade.

A *tristeza* machuca algumas vidas. Ela as amargura. Ela as deixa quebradas, desanimadas, não se importando mais com a vida. Mas este não é o caminho *cristão*. Devemos, no entanto, aceitar que a tristeza pode

vir até nós, trazendo consigo um fragmento da doce vontade de Deus para nós, como também trazendo uma nova revelação do amor divino. Devemos enfrentá-la calma e reverentemente, com cuidado para não perder a bênção que ela traz para nós. Então devemos nos levantar novamente ao mesmo patamar de antes, e continuar com o nosso trabalho e dever. Algumas mãos ficam enfraquecidas ao chegar a tristeza. “Eu não ligo mais para a vida,” ouve-se, por vezes, dos homens. “Não tenho nenhum interesse em meu negócio, já que minha esposa morreu. Quero desistir de tudo.” Mas isso não é uma vida vitoriosa. A *desculpa* nos absolve de qualquer obrigação, de qualquer responsabilidade. Nosso trabalho não terminou porque o trabalho do nosso amigo foi concluído. O plano de Deus para a nossa vida continua, embora para a vida que nos era querida ele tenha terminado. Levantamo-nos pela manhã após o funeral, e encontramos as velhas tarefas esperando por nós, clamando por nossa vinda, e devemos começá-las logo para levá-las adiante. “Vamos secar as nossas lágrimas e seguir em frente”, escreveu um homem de Deus ao seu amigo, depois de um luto dolorido. Esse é o verdadeiro espírito cristão.

Devemos viver mais intensamente do que nunca, depois de a tristeza tocar o nosso coração. Nossa vida tem sido enriquecida pela experiência. Lágrimas saem do *solo do coração* mais fértil. A experiência da dor nos ensina muitas lições. Em seguida estamos mais sábios, mais pensativos, melhor equipados para sermos guias e ajudantes para os outros, e preparados especialmente para sermos consoladores daqueles a quem encontramos passando por aflição. Portanto, em vez de deixar que nossas mãos fiquem enfraquecidas no desespero da fraqueza, devemos nos levantar rapidamente, revigorados por meio da nossa nova unção, e acelerar para o dever que nos espera.

Assim, toda a vida cristã deve ser vitoriosa. Nunca devemos nos permitir ser derrotados em qualquer experiência que possa se suceder a nós. Com Cristo para nos ajudar, nunca precisamos falhar, pois podemos sempre ser mais do que vencedores. Mesmo as coisas que parecem ser falhas e derrotas em nossas vidas, se apenas formos fiéis, através do amor e da graça de Cristo, elas vão se provar, no final, como sucessos e vitórias. Até mesmo um bom homem falha em um sentido mundano, mas mesmo assim, na esfera moral e espiritual, ele é mais que vencedor. Não há um verdadeiro fracasso, exceto no pecado. Fidelidade a Cristo é a vitória, mesmo quando tudo está perdido!

CAPÍTULO 12

A FORÇA DA TRANQUILIDADE

12-1. GENERALIDADES

“Não seja o seu adorno o enfeite exterior dos cabelos entrançados, das guarnições de renda de ouro ou da compostura dos vestidos, mas seja o homem que está escondido no coração, no vestido incorruptível de um espírito manso e tranquilo, que é de grande estima diante de Deus.”

(1 Pedro 3:3-4 – R-IBB)

A Bíblia diz muito sobre estar tranquilo. O efeito da justiça é a tranquilidade. O pastor leva suas ovelhas pelas águas da tranquilidade. É-nos dito para *“estudar para ficar tranquilo”,* ou *ser ambicioso para ficar tranquilo,* conforme revela uma leitura superficial. Um espírito tranquilo em uma mulher é na visão de Deus um ornamento de grande preço. Assim somos informados de que o segredo de força está na tranquilidade: *“No sossego e na confiança está a vossa força.”* (Isaías 30:15).

Então, quando examinamos esse assunto, aprendemos que poucas coisas são tão grandemente elogiadas ou repetidas vezes tão incentivadas na Bíblia quanto a *tranquilidade.* A tranquilidade é o *resultado* ao invés de um *meio.* Ela indica uma realização na vida cristã que pode ser alcançada apenas por determinadas experiências espirituais.

Uma verdade profunda está aqui. Muitas pessoas supõem que o *ruído* indica a *força,* que o homem alto e retumbante é o mais forte, ou que estamos fazendo o máximo, quando fazemos mais barulho e espetáculo. Isso, no entanto, não é verdade.

12-2. O MAIOR EFEITO VEM DAS FORÇAS TRANQUILAS

Em tudo na vida, são as *forças tranquilas* que têm o maior efeito. Os *raios* caem em silêncio durante todo o dia: ainda assim, que energia imensurável há neles, e que poder para abençoar e fazer o bem! A *gravidade* é uma força silenciosa, sem nenhum ruído de máquinas, sem ruídos de motores, e ainda mantém todas as estrelas e mundos em órbita perfeita com suas correntes invisíveis! O *orvalho* cai silenciosamente durante a noite, enquanto os homens dormem e ainda toca todas as plantas, folhas e flores com nova vida e beleza.

Por isso, é na vida calma e tranquila que a maior força é encontrada. O poder que está abençoando o mundo nos dias de hoje vem da pureza e doçura suaves do amor materno, a partir da influência tranquila do exemplo de pais fiéis, a partir da paciência e generosidade de irmãs dedicadas, a partir da terna beleza inocente da infância nos lares; e, acima de tudo, a partir da *silente cruz* e dos sopros do Espírito divino, com suave tranquilidade. As agências silenciosas estão fazendo o máximo para abençoar o mundo. Há força na tranquilidade.

12-3. LIÇÕES DE TRANQUILIDADE

Se, portanto, queremos ser *fortes*, devemos aprender a ficar *tranquilos*. Um falador barulhento é sempre fraco. A tranquilidade no discurso é uma marca de autodomínio. A tendência da graça de Cristo no coração é *amaciar* e *refinar* toda a natureza. Ela faz os próprios *tons da voz* mais suaves. Ela fere a *tormenta* em *silêncio*. Ele reprime sentimentos de raiva e os suaviza na delicadeza do amor. Ele restringe ressentimentos, ensinando-nos a devolver bondade à maldade, gentileza à grosseria, bênção à maldição, e oração ao desprezo e ao desafio. “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:4-7).

O amor de Cristo no coração faz alguém semelhante a Cristo, pois Ele era tranquilo. Ele nunca ficou perturbado. Ele nunca se irritou ou ficou alvoroçado. Ele nunca estava ansioso ou preocupado. Ele nunca falou com impaciência. Sua voz nunca foi ouvida na rua. Havia uma calma em sua alma, que se mostrou em cada palavra que ele dizia, com toda a sua influência.

Vamos fazer bem para aprender esta *lição de tranquilidade*. Ele vai nos impedir de explosões de temperamento, e de proferir palavras precipitadas e apressadas, que em hora mais tarde lamentamos tê-las dito, e que muitas vezes trazem tantas amarguras e problemas para nós. Ela vai nos permitir ser alegres e pacientes em meio a todas as preocupações e aborrecimentos da vida.

Tranquilidade é um *segredo abençoado por esposas e mães* em uma casa. É impossível para qualquer mulher, mesmo que sua vida familiar seja o ideal de cristandade e felicidade, evitar ter experiências que tentam o seu espírito sensível. Provavelmente o casamento mais perfeito tem seus incidentes agressivos e seus rudes contatos, que tendem a perturbar a esposa e lhe dar dor de cabeça. É difícil para um homem aprender a ser tão gentil que nenhuma *palavra, toque, ato, hábito* ou *disposição* sua jamais fira o coração da mulher que ama. Nada além de um amor paciente e bondoso, sem egoísmo ou irritação, silencioso e *doce* – não silencioso e *taciturno* – sob quaisquer circunstâncias, pode fazer, mesmo da mais santa vida conjugal, o que ela deveria ser. Bem-aventurada é a mulher que aprendeu essa lição!

Cada casa, com seus pais e filhos, apresenta problemas que só o *sosego* pode resolver. Os *gostos* são diferentes. A *individualidade* é muitas vezes forte. Há quase certeza de haver espíritos autoassertivos, mesmo na menor das famílias, aqueles que querem o seu próprio caminho, que não estão dispostos a fazer ainda a sua parte justa de ceder. Em algumas casas há espíritos despóticos. Na melhor das hipóteses há *diversidade* de espírito, e o processo de autodisciplina e autoformação requer anos antes de que toda a família possa coabitar em uma *doçura ideal*.

Um músico alemão, com um ouvido extremamente sensível à harmonia, logo depois de chegar ao nosso país, visitou uma igreja local. O canto, porém, estava fora demais do tom, torcendo-lhe os nervos dolorosamente. Ele não podia educadamente deixar o recinto, e assim resolveu suportar a *tortura* tão pacientemente quanto possível. Logo ele distingue entre aquela voz de discórdia e a voz clara e suave de uma mulher, cantando com calma, de forma constante e em tom perfeito. Ela não foi perturbada pelas vozes barulhentas de **seus** companheiros, mas cantou com paciência e doçura. E enquanto ele ouvia, uma e outra voz foram sucessivamente afastadas pela suave influência dela na harmonia, até que toda a congregação estava cantando em tom perfeito.

Isso muitas vezes é o que acontece na edificação de uma casa. Em princípio, as *vidas individuais* são autoafirmadas, e não há discórdia na casa. É preciso tempo e amor paciente para trazer tudo em harmonia. Mas, se a esposa e mãe, a verdadeira dona de casa, aprendeu essa lição abençoada de tranquilidade, sua vida é a *canção calma, clara, verdadeira* que nunca vacila, e que conduz todas as outras vidas, pouco a pouco, até a sua própria doce chave; até que, finalmente, a vida útil da casa seja realmente uma *canção de amor*!

Às vezes é uma filha e irmã em casa, cuja *doçura tranquila* abençoa toda a família. Ela aprendeu a *lição da paciência e da mansidão*. Ela tem sorrisos para todos. Ela tem o *tato alegre* para dissipar pequenas querelas

por meio de suas amáveis palavras. Ela suaviza o mau humor do pai quando ele chega cansado das preocupações do dia. Ela é uma pacificadora em casa, uma promotora de felicidade através da influência de seu próprio espírito amoroso, e atrai tudo para o seu próprio sossego e tranquilidade.

Estes são exemplos familiares da *bênção de tranquilidade*. Onde quer que o encontremos em qualquer vida, há uma influência de prodígios. Certamente é uma lição que vale a pena aprender, que é melhor do que ganhar uma coroa! Agora, ela pode ser aprendida? Pode o fanfarrão, irascível, homem ou mulher de língua explosiva, aprender a ser calmo e autodominado? Pode! *Moisés* aprendeu até ele se tornar o mais manso dos homens. *João* aprendeu até ele se tornar o discípulo amado, reclinado sobre o peito de Jesus. Ela pode ser aprendida por qualquer pessoa que *entrar na escola de Cristo*, pois Ele diz: “Vinde a mim (...); tomai sobre vós o meu jugo e *aprendei de Mim* (...) e achareis descanso para as vossas almas.” (Mateus 11:28, 29).

Mas a tranquilidade não pode vir por meio da *suavização das circunstâncias*, de modo que não haja nada para incomodar ou irritar o espírito. Nós não podemos *encontrar* ou *fazer* um lugar tranquilo para viver e, *assim*, ficar tranquilos em nossa própria alma. Nós não podemos fazer as pessoas sobre nós tão amorosas e doces de modo que nunca teremos nada para nos irritar ou incomodar. A tranquilidade deve estar *dentro de nós*. Nada além da paz de Deus no coração pode dá-la. No entanto, nós podemos ter essa paz, se simplesmente e sempre fizermos a vontade de Deus e então, confiarmos Nele. Um coração tranquilo conduzirá a uma vida tranquila!

CAPÍTULO 13

A BÊNÇÃO DA PACIÊNCIA

13-1. GENERALIDADES

“Ora, o Senhor encaminhe os vossos corações no amor de Deus, e *na paciência de Cristo*” (2 Tessalonicenses 3:5)

Isto é uma *bênção* para a qual todos nós gostaríamos de inclinar a cabeça e receber. “Paciência, dentre as virtudes”, alguém diz, “é como a *pérola* entre as pedras preciosas. Ao seu *esplendor tranquilo*, ela ilumina toda a graça humana e adorna cada excelência cristã”.

13-2. EXEMPLO DE PACIÊNCIA EM CRISTO

Em Cristo, a paciência, como todas as virtudes, teve sua *perfeição*. Ele não tinha uma vida *protegida*, sem essas provas de paciência que temos de suportar, mas alguém exposto a tudo o que faz com que seja difícil para nós viver com paciência. Além disso, sua natureza era tal que era *sensível a toda grosseria e dor*, pelo que ele sofreu em seus contatos com a vida muito mais do que nós.

No entanto, sua paciência foi perfeita. “Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam.”²² Ele lhes impingiu os dons do amor, mas eles os rejeitaram. No entanto, Ele nunca falhou em Seu amor; nunca ficou impaciente; nunca ficou cansado em suas ofertas de bênçãos; nunca retirou

²² Referência a João 1:11 (N. do T.).

seus dons graciosos. Ele estava com as mãos estendidas em direção a eles, até que eles pregaram suas mãos sobre a cruz! E mesmo assim Ele deixou derramar daquelas mãos perfuradas o dom da redenção!

Sua paciência também aparece em suas *relações com seus próprios discípulos*. Eles eram muito ignorantes e aprenderam isso lentamente. Tentaram-no em cada ponto por sua falta de fé, sua falta de espiritualidade, e sua fraca e vacilante amizade. Ele, no entanto, nunca se cansou nem em Seu amor, nem em Seu ensino.

Sua paciência é vista em seu tratamento das *pessoas* que O seguiam por onde quer que Ele fosse, mendigando por cura. Nós só temos de pensar no que seja uma multidão oriental e, em seguida, lembrarmos-nos de que foram os próprios *destroços de miséria e de desgraça* que Lhe vieram, para ter uma ideia do cansaço de um dia movimentado em meio a clamores e gritos dessas pobres sofredores. No entanto, ele nunca mostrou a menor impaciência, mas deu-se livre e amorosamente do mais rico e melhor da sua própria vida preciosa para curá-los e confortá-los.

Sua paciência com *os seus inimigos* também é surpreendente. Não foi a paciência de *fraqueza*, pois a qualquer momento ele poderia ter convocado legiões de anjos do céu para derrubar seus oponentes. Nem foi a paciência de *estoicismo*, que não sentia as picadas de ódio e perseguição, pois nunca houve outra vida na terra que sentiu tão *profundamente* as feridas de inimizade. Nem foi a paciência de *mau humor*, como às vezes é vista em selvagens, que carregam a tortura no silêncio arrogante e sombrio.

Nunca o mundo viu qualquer outra paciência tão amorosamente. Ele orou por seus assassinos! Ele deu de volta as mais suaves respostas a as palavras mais cruéis. Sua resposta para a inimizade do mundo foi o dom da salvação. Das feridas cruéis feitas pelo cravo e pela lança veio o sangue da redenção humana!

Vemos Sua paciência também em Sua *obra*. Ele viu muito poucos resultados de sua pregação. Ele era um semeador, não um ceifador. Multidões se reuniram após ele, ouviram as palavras dele, e retiraram-se impressionadas.

Assim, para qualquer fase da vida maravilhosa de Cristo para a qual nos voltamos, vemos *paciência sublime*. Ele foi paciente em aceitar a vontade do Pai; paciente para com o pecado e tristeza do mundo; paciente com a irracionalidade, crueldade e ódio dos homens; paciente com a ignorância e o preconceito; paciente no sofrimento do erro. Maravilhosa, de fato, é essa qualidade na vida de nosso Senhor. Quem não está pronto para converter a bênção na oração: “Senhor, dirija meu coração à paciência de Cristo!”?

13-3. DA NECESSIDADE DE PACIÊNCIA

Todos nós precisamos de paciência. Sem ela, nunca realmente poderemos fazer qualquer coisa de nossas vidas. Precisamos dela em nossas casas. A grande proximidade e familiaridade dos membros da família, dentro de nossa própria porta, às vezes torna difícil preservar nossa *perfeita doçura* de espírito. Há muita falta de paciência na maioria das famílias terrenas. Nós jogamos fora nossa reserva e cuidado e passamos a ser aptos a falar ou agir de modo desagradável. No *atrato*, muitas vezes sentido em nossas casas, é fácil perder nossa paciência e falar de modo imprudente e maldoso. Tais *palavras impacientes* machucam corações suaves, às vezes de modo irreparável. No entanto, onde justamente não podemos falhar na paciência deve ser em nossas próprias casas! Lá somente a *vida mais doce* deve ser vivida. Nós não temos muito tempo para ficar juntos; devemos, portanto, ser pacientes e gentis enquanto podemos!

Precisamos, também, da paciência de Cristo na nossa associação com os outros, em nossas associações *de negócios* e em contatos, em nossas relações *sociais*, e em todas as nossas relações com os nossos *vizinhos*. Nem todas as pessoas são agradáveis e pacientes conosco. Alguns querem o seu próprio caminho. Alguns são razoáveis. Alguns deixam de nos tratar bem. Possivelmente, em alguns casos, o defeito pode ser nosso, pelo menos em parte. Outros podem, por vezes, pensar de nós como o fazemos com eles. No entanto, a paciência de Cristo pode nos ensinar a ter, mesmo com as pessoas mais irascíveis, doçura e carinho. Ele foi paciente com todos, e devemos ser como ele. Se nós somos impacientes com alguém, deixamos de ter verdadeiro interesse de nosso Mestre, a quem estamos sempre a representar.

Precisamos da paciência de Cristo no cumprimento das provações da vida. Precisamos apenas lembrar o quão doce Ele suportou todos os erros, toda a dor e sofrimento, para obter uma visão de um *belo ideal* de vida a ser seguido. A lição é difícil de aprender, mas o Senhor pode direcionar os nossos corações, mesmo nessa gentileza de espírito. Ele pode nos ajudar a ficar em silêncio no momento de aflição. Ele pode transformar o nosso *grito de dor* em uma *canção de submissão e alegria*. Ele pode nos dar a Sua paz firme, de modo que, mesmo na mais hostil contenda, o nosso coração estará tranquilo.

Precisamos da paciência de Cristo para nos preparar para o Seu serviço. No momento em que entramos na companhia de Seus discípulos, Ele nos dá trabalho a executar para Si. Somos comissionados a encontrar outras almas, a curar corações partidos, a consolar a tristeza, a ajudar os perdidos a encontrar lar após a escuridão. Todo este trabalho é *delicado* e importante, e para isso precisamos da *paciência*, bem como da *gentileza* de Cristo. Isso deve ser feito com amor, em fé, sem pressa, sob a orientação do Espírito.

As mães precisam da lição de paciência para que possam sabiamente ensinar e treinar seus filhos, e a não machucar as suas vidas pela impaciência. Todos os que lidam com o *ignorante* precisam dela. Aqueles que colocam as mãos de qualquer forma em outras vidas precisam de uma grande dose da paciência de Cristo. Devemos procurar fazer a obra de Cristo para eles como se Ele o faria se estivesse aqui com Suas *mãos gentis*. Nós precisamos de Sua paciência também na *espera* à medida que trabalhamos para Deus. Nós estamos em perigo constante, em nosso próprio interesse pelos outros, de falar inoportunamente. Mesmo as palavras ansiosas e amorosas devem esperar o *momento perfeito* para serem pronunciadas, ou então elas podem fazer mal. Mesmo em nossa fome *não devemos colher o fruto enquanto ele ainda está verde*.

CONTINUA NO MANUAL COMPLEMENTAR DE APOIO C-9

MILITAR CRISTÃO

<http://www.militarcristao.com.br>

Especificamente, a finalidade dessa página é:

- I. “Prover conteúdo relevante e adequado ao usuário final, qual seja, militar das Forças Armadas ou Auxiliares do Brasil, cristãos evangélicos ou não;
- II. Promover integração entre os militares cristãos de todo o Brasil, com possibilidades de se reunir irmãos que não se veem há muito tempo;
- III. Auxiliar nos cultos e reuniões evangélicas, promovidos pelas associações militares nos quartéis, provendo material, como estudos bíblicos, além de discutir ideias para o aperfeiçoamento desse trabalho;
- IV. Fortalecimento e difusão da fé militar, respeitadas a hierarquia e a disciplina”. (NGA 001/2006, art. 4º).

Agora, ponderando, considere os seguintes fatos:

- A extensão do nosso efetivo, bastante considerável;
- O fato de o militar ser, por muitas vezes, o braço do Estado onde nem o Estado vai, sobretudo em áreas de fronteira;
- As diversas movimentações que ele sofre ao longo da carreira;
- O contato diário com pessoas dos mais diversos rincões do País;
- A possibilidade de atuar junto a outras nações, com seu exemplo, nas missões de paz;
- No caso específico das Forças Auxiliares, o contato mais próximo e diário com a população, em situações de tensão e perigo;
- As dificuldades inerentes à carreira, como exposição diária ao perigo (inclusive de perder a vida), de se formar um patrimônio familiar, a instabilidade de relações pessoais duradouras por conta das movimentações, o prejuízo na educação dos filhos e na área profissional do cônjuge;
- O preparo e o emprego da força militar, em situações extremas;
- O elogio que a Bíblia dá ao compromisso, benevolência e fé de militares, como o centurião Cornélio;
- As imensas e evidentes semelhanças entre a vida cristã e a militar.

Diante desses fatores, nota-se o quanto o povo de Deus tem negligenciado o enorme potencial de atuação do evangélico militar. Quando limitamos nossa área de atuação ao louvor e à EBD, não percebemos que, à nossa volta, pode estar alguém que será um homem de Deus a frente de uma batalha, quem levará até as últimas consequências seu compromisso com Deus e com a nação brasileira. Um aluno de um curso de formação hoje pode ser o Marechal, Almirante ou o Brigadeiro amanhã. E ao menos que a Bíblia esteja equivocada (falo como homem), nação se voltará contra nação. O que será do homem da caserna? Quem irá até aquele povo? Quem os ajudará?

A resposta pode estar dentre os civis, que até hoje não descobriram essa missão dada pelo Senhor, ou especialmente dentre o próprio pessoal militar, que ainda encara sua incorporação como uma mera profissão, sem considerar o caráter de missão que ele tem, como integrante das Forças Armadas ou Auxiliares.

Esta é a nossa visão, que compartilhamos todos os dias com você, seja por meio de estudos, artigos, informações, bizus ou, inclusive, por entretenimento nos momentos de folga.

Este é o **Militar Cristão**.

PREZADO LEITOR

Todo auxílio é bem vindo a este ministério, bem como o aperfeiçoamento destes Manuais. Caso tenha alguma sugestão, dúvida, comentário, crítica ou contribuição a dar ao nosso trabalho, encaminhe-os para nós através do sítio **Militar Cristão**, seção **Contato**, ou diretamente ao webmaster pelo endereço eletrônico *webmaster@militarcriscao.com.br*. Sua mensagem será analisada e poderá constar de futuras edições. Caso queira também contribuir com textos inéditos, seja de instrução para os grupos militares evangélicos, testemunho pessoal ou doutrina cristã, utilize-se dos mesmos modos de contato já mencionados. Os critérios de publicação estão na seção **Estrutura**. Que Deus te abençoe.

MILITAR CRISTÃO

Militar Cristão. Edificando na caserna.

Conheça os outros manuais da Biblioteca Militar Cristão através do sítio da Internet <http://tinyurl.com/bibliomc>.

AVISO – POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS



Obra licenciada pela Creative Commons @: "Atribuição – Uso Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional", disponível em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR>.

Os infratores estão sujeitos às penalidades cabíveis pela Lei de Direitos Autorais (Lei n.º 9.610, de 19/02/1998), Lei n.º 9.279/1996 e pelo art. 184 do Código Penal Brasileiro (Decreto-Lei nº 2.848, de 07/12/1940), sem prejuízo de eventual ação cível de indenização.

Aviso conforme Anexo I à NGA 009/2013, alterada pela NCA 014/2014

Editor responsável: Cleber Olympio

© 2003-2014 Cleber Olympio. Todos os direitos reservados.

Não traduzimos a opinião oficial das Forças Armadas ou Auxiliares do Brasil, nem a de instituições religiosas.

